



*“Poema Suspenso
para uma cidade
em queda”, da
Cia. Mungunzá,
ganha nova
temporada na
Funarte SP
Página 28*

Espetáculo dirigido por Luiz Fernando Marques,
aborda o sentimento de imobilidade vivido
pelas pessoas nos dias de hoje

"O REI DA INTERNET", PROTAGONIZADO POR JOÃO GUILHERME, ENTRA NA PRÉ-SELEÇÃO BRASILEIRA PARA O OSCAR 2027

Longa dirigido por Fabrício Bittar está entre os 15 filmes que disputam a indicação do Brasil na categoria de Melhor Filme Internacional

"O Rei da Internet", dirigido por Fabrício Bittar @fabriciobittar e protagonizado por João Guilherme @joaoguillherme, está entre os 15 filmes pré-selecionados pela Academia Brasileira de Cinema @academia_brasileira_de_cinema para representar o Brasil na disputa pelo Oscar 2027, na categoria de Melhor Filme Internacional.

Baseado em fatos reais, o longa acompanha a trajetória de Daniel Nascimento, jovem que, antes de completar 17 anos, invadiu servidores no Brasil e no exterior, integrou uma organização criminosa que movimentava milhões de reais e se tornou alvo da primeira grande operação da Polícia Federal contra crimes virtuais no país. Na produção, João Guilherme interpreta Daniel, em um dos papéis mais desafiadores de sua carreira.

A seleção acontece em um



"Será que tem outro 'Oscar' no horizonte?"



momento especialmente importante para o longa, que também acaba de conquistar distribuição internacional. "O Rei da Internet" será lançado nos Estados Unidos e no Canadá pela Magenta Light Studios, estúdio sediado em Los Angeles e fundado por Bob Yari, produtor de "Crash", vencedor do Oscar de Melhor Filme.

A trajetória internacional do filme começou ainda em sua estreia mundial, realizada em competição no Miami Film Festival. O longa também passou pelo Bafici - Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, ampliando sua circulação no circuito internacional. "Fiquei muito feliz quando recebi essa no-

tícia. "O Rei da Internet" é um projeto que me orgulho muito de fazer parte, foi uma troca muito boa com o diretor, time e todos parceiros de cena. Nosso cinema é incrível e tem se mostrado cada vez mais pro mundo, então esse é um marco importantíssimo pra que essa história alcance mais pessoas!", comenta João Guilherme que, além de protagonizar o longa, também é um dos produtores executivos do projeto.

No Brasil, "O Rei da Internet" é uma produção da Clube Filmes, em coprodução com Telecine e Vitrine Filmes e distribuição da Manequim Filmes. O longa estreia no Globoplay e Telecine dia 28 de agosto.

Além de João Guilherme, o elenco reúne Marcelo Serrado, que interpreta o mentor de Daniel e chefe da organização criminosa, além de Emílio de Mello, Bia Seidl, Débora Ozório, Caio Horowicz, Kaik Pereira, Mi-

guel Nader, Clarissa Müller, Adriano Garib e Eri Johnson.

Sobre a Clube Filmes:

A Clube Filmes é uma produtora brasileira reconhecida pela criatividade, pela força de suas histórias e pelo forte apelo de público.

Produziu sete temporadas do "MTV Sports" e assinou projetos como "Os Exterminadores do Além contra a Loira do Banheiro", "Inexplicável", que alcançou o Top 3 global na Netflix, o documentário "Amor Sertanejo" e a série "Politicamente Incorreto", que se tornou a maior audiência da história do canal FX no Brasil e foi finalista do Prêmio APCA.

Recentemente, lançou o longa "O Rei da Internet", em coprodução com a Manequim Filmes e o Telecine, e está finalizando a série exclusiva Globoplay "Quando Ela Desaparecer".

<https://www.instagram.com/clube-filmes/>

A zine revista LacrE é uma publicação digital, quinzenal, com distribuição dirigida da Editora Página Leste - CNPJ 42.935.406/0001-06

Editor: J. de Mendonça Neto
Mtb 32792 - ABJ. No 4287

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

laczine@gmail.com

Whatsapp (11)99664-5072

<https://paginaleste.wordpress.com/>

<https://brasilarchive.com.br/revista-lacre/>

[instagram.com/zinelacre](https://www.instagram.com/zinelacre)

QUER APOIAR A REVISTA

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

LEIA!

SE GOSTAR MANDE EM FRENTE.

SE GOSTAR MUITO

CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

USE A CHAVE PIX:

laczine@gmail.com

FASCISMO TARDIO

raça, capitalismo e política da crise

de Alberto Toscano

Em um mundo tomado por crises ecológicas, econômicas e políticas, as forças do autoritarismo têm saído na frente. Como nomear e responder a esse estado de coisas? *Em Fascismo tardio: raça, capitalismo e política da crise*, Alberto Toscano critica a associação do fascismo unicamente com o tipo de violência política dos regimes europeus de meados do século XX. Em vez de procurar analogias históricas, ele entende o fascismo como um processo mutável, ancorado no capitalismo racial e colonial, que antecede e sobrevive às suas encarnações na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler.

A extrema direita global do século XXI se movimento por teorias da conspiração, pânico moral e espantinhos em torno de temas como sexualidade, imigração e direitos reprodutivos, como a chamada “ideologia de gênero” e “grande substituição”. Desenvolver uma teoria antifascista é uma tarefa urgente e vital: “Este livro é uma tentativa de contribuir para uma discussão coletiva sobre nosso ciclo político reacionário”, escreve o autor.

A edição da Boitempo traz dois importantes acréscimos em relação à original: um novo prefácio em que o autor se dirige ao público brasileiro e tematiza as especificidades do bolsonarismo; e um apêndice dedicado aos debates latino-americanos sobre o fascismo nos anos 1970, em diálogo com intelectuais brasileiros da teoria marxista da dependência, como Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos.

“Em um momento no qual a extrema-direita oscila entre a nostalgia e a inovação tecnológica, entre a encenação permanente e a violência política, este livro oferece instrumentos indispensáveis para compreender não apenas o retorno de velhos fantasmas, mas as formas inéditas que eles assumem no presente”, pontua Douglas Barros no texto de orelha. “Toscano res-

titui ao conceito de fascismo sua força crítica e sua urgência política.”

Trecho

“Na medida em que podemos falar de fascismo hoje, trata-se de um fascismo em grande medida esvaziado (embora com exceções importantes) de movimento de massas e de utopia; um fascismo desprovido do que Ernst Bloch chamou de não contemporaneidade e do que Georges Bataille denominou heterogeneidade; um fascismo que não está reagindo a ameaça iminente da política revolucionária, e sim retém a fantasia racial do renascimento nacional e a circulação frenética de um discurso pseudoclassista. A melhor maneira de lidar com este último não é fomentar a figura sociologicamente espectral e suspeita da classe trabalhadora branca “esquecida”, mas confrontar o que significa uma política coletiva hoje. Aceitar esse simulacro racializado de um proletariado não é um trampolim para uma política de classes, mas um obstáculo a ela, sua forma Ersatz [substitutiva degradada] maliciosa e debilitante. Meu objetivo é esboçar – para debate e discussão coletivos – os aspectos elementares de uma pseudoinsurgência, com a ressalva de que uma pseudoinsurgência foi, em muitos aspectos, o que os fascismos assassinos do período entreguerras na Europa também encarnaram.”

SOBRE O AUTOR - Alberto Toscano é professor de Teoria Crítica no Departamento de Sociologia e codiretor do Centro de Filosofia e Teoria Crítica da Goldsmiths, Universidade de Londres, além de professor associado e visitante na Escola de Comunicação da Simon Fraser, onde também é pesquisador visitante do Instituto de Democracias Digitais. Autor de diversos livros, dentre os quais *Fanaticism* (Verso, 2010) e *Terms of Disorder* (Seagull, 2023), organizou o volume *Geografia da abolição*, de Ruth Wilson Gilmore, publicado pela Boitempo em 2025. Desde 2004, é membro do conselho editorial da revista *Historical Materialism* e editor da série “The Italian List” da Seagull Books. É também tradutor



de inúmeros livros e ensaios de Antonio Negri, Alain Badiou, Franco Fortini, Furio Jesi e outros

FICHA TÉCNICA - *Fascismo tardio: raça, capitalismo e política da crise* / Título original: *Late Fascism: Race, Capitalism*

and the Politics of Crisis / Alberto Toscano / Tradução: Pedro Davoglio @pedrozdavoglio / Páginas: 256 / Preço: R\$ 79,00 / Editora: Boitempo @boitempo / Ano de lançamento: 2026 / E-book R\$ 63,20 / Disponíveis em 7 de setembro de 2026

MEU ANTÔNIO

de Isa Jinkings

Líder sindical e partidário, articulista na imprensa, militante socialista, livreiro, pai de cinco filhos, companheiro amoroso. Essas e outras facetas de Raimundo Jinkings estão reunidas em *Meu Antônio*, de Isa Jinkings, uma homenagem em textos e imagens da professora e também militante à trajetória dessa destacada figura do comunismo brasileiro e dos universos político e cultural paraenses.

Uma obra memorialística, que entrelaça a história de amor do casal com o itinerário político e intelectual de Jinkings (1927–1995). A primeira – e central – parte do livro é um relato de Isa sobre sua vida com Antônio, o início do namoro nos anos 1940, o casamento, a construção familiar e a longa história de cumplicidade que atravessou mais de quatro décadas. As lutas políticas são parte fundamental dessa história que resistiu a prisões e perseguições de todo tipo. Jinkings, criador da primeira Boitempo nos anos de chumbo, fundou com Isa em 1965 a Livraria Jinkings, em Belém, que se tornou referência e importante ponto de encontro cultural, intelectual e de resistência política na região. Premiado como livreiro do ano em 1994, por votação dos livreiros de todo o país, Jinkings se tornou personagem fundamental na história do livro e da leitura no Pará e no Brasil.

A segunda parte reúne escritos jornalísticos de Jinkings refletindo sobre o cenário político da época, sua atuação como líder bancário – presidiu o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) – e dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A terceira seção traz dois textos maiores: do economista Roberto Corrêa sobre a trajetória sindical de Jinkings, que o levou à prisão e a ter os direitos políticos cassados pós 1964; e da professora universitária e escritora Amarílis

Tupiassú, com ênfase no livreiro e intelectual.

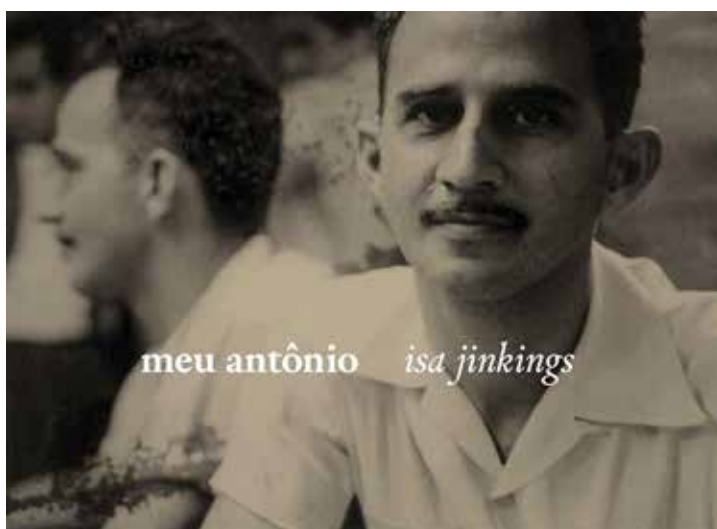
A obra se encerra com depoimentos dos filhos, camaradas e amigos. Traz apresentação de Ivana Jinkings @ivanajinkings, prefácio de José Paulo Netto e orelha de Marcelo Rubens Paiva: “Ele era apaixonado pela mulher. Daquele jeito antigo, inteiro, sem cinismo. Enquanto o Brasil trocava de moeda, presidente e esperança, ele construía uma família enorme, barulhenta, viva. Filho entrando e saindo da sala, livros espalhados pela casa, calor amazônico, almoço longo, preocupação com dinheiro e conversa política atravessando a madrugada. A resistência também acontecia ali. Dentro de casa. E está tudo registrado aqui, em bilhetes, cartas de amor e fotos, muitas fotos, de uma família que fala de boca cheia o sobrenome”, escreve Marcelo.

Trechos

“Nosso amor adolescente cresceu, forte, verdadeiro. Era a primeira vez que experimentávamos um sentimento assim, que nos dominava, fazia desejar a presença um do outro a cada instante. Um dia, falando sobre meu futuro, imagino que se referindo aos estudos, ele disse, as duas mãos segurando meu rosto: “Teu futuro sou eu”. Ainda hoje, lembrando, sinto de novo o arrepio daquele momento. Foi uma declaração espontânea, pura e absolutamente inesquecível.” – Isa Jinkings

“Relembrando Jinkings, seu companheiro de vida e lutas, Isa contribui – como poucos o fizeram – para ampliar o espaço ainda parcamente explorado e conhecido das vivências e dos comportamentos pessoais e prático-imediatos de comunistas ilustres.” – José Paulo Netto

“Jinkings foi preso e respondeu a inúmeros inquéritos, tendo seus direitos políticos cassados. O banco, impossibilitado de demitir



um concursado, suspendeu seu pagamento e, após decisão judicial, voltou a pagar um terço do salário. Para sustentar sua família, Jinkings e Isa estabeleceram uma barraca de alimentos na feira da praça Batista Campos, frequentada por colegas do banco, simpatizantes e até adversários respeitosos. Em seguida, ele tornou-se representante de editoras que o conheciam como o leitor voraz que costumava pedir livros pelo correio. Nascia assim a Livraria Jinkings, na sala de visitas do número 1.567 da rua dos Mundurucus.” - Roberto Ribeiro Corrêa

Ficha técnica: *Meu Antônio*, Isa Jinkings / Apresentação: Ivana Jinkings / Prefácio: José Paulo Netto / Posfácios: Roberto Corrêa e Amarílis Tupiassú / Orelha: Marcelo Rubens Paiva / Fotos: Leila Jinkings e outros / Capa: Maikon Nery / Páginas: 272 / Preço: R\$ 69,00 / Editora: Boitempo @boitempo / Ano de lançamento: 2026 Disponível em: 8 de setembro de 2026 / E-book Preço e-book: R\$ 55,20 Disponíveis em: 8 de setembro de 2026

Sobre a autora Isa Jinkings formou-se em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Deu aulas de português e literatura em colégios como o Gentil Bittencourt e o Paes de Carvalho, em Belém. Fundou, com seu companheiro, a Livraria Jinkings, em 1965. Participou da fundação do Comitê Paraense em Defesa de El Salvador e Nicarágua, da Federação das Mulheres Paraenses e foi dirigente estadual do Partido Comunista Brasileiro (PCB) do Pará.

BRUNO NOGUEIRA LANÇA LIVRO EM QUE UM PERSONAGEM EXPULSO DA PRÓPRIA HISTÓRIA TENTA ESCREVER O SEU DESTINO

Novo livro de Bruno Nogueira mistura humor, melancolia e metalinguagem em histórias que desafiam as fronteiras entre realidade e ficção.

O personagem que dá voz a “Um Fracasso Assim Tão Brando” não veio de uma nota de rodapé nem de uma oficina de criação literária. Foi expulso do livro onde nasceu. Ao chegar ao mundo “extra-capas”, como chama a vida fora das páginas, sua conclusão é imediata: “a vida é bem pior que a ficção”. Incapaz de retornar ao romance de origem, ele decide escrever a própria obra para nela habitar — e o resultado é uma coletânea que o autor Bruno Nogueira [@bsnogueira](#) lançará em Curitiba (PR), pela editora orlando [@editoraorlando](#).

O lançamento estaria ocorrendo no sábado, 29 de agosto, às 16h30, *(durante o fechamento desta edição)* no primeiro sarau da Casa Kurí, café e restaurante (Rua Barão do Rio Branco, 593), em Curitiba (PR) com a exposição de artes plásticas de Daacruz, apresentada por Chris Gioppo, e com apresentação da banda Jaguarua, entre outras atrações.

A premissa, que poderia soar como um exercício metalinguístico de gabinete, ganha carne e osso nos contos que se sucedem. O narrador-personagem perambula por bares, favelas, praias e apartamentos vazios, anotando o que vê com o estranhamento de quem não cresceu neste mundo. O leitor encontra desde um idoso que percorre uma favela por cinco dias, para pedir uma adolescente em casamento como quem fecha um contrato, até um frequentador de boteco que declama poesia em código próprio antes de sucumbir à cirrose. Há também o herdeiro que

comemora a morte do pai com cerveja e churrasco, e o escritor que, para dar realismo a um conto de terror, decide testar facas em carne viva.

A violência, quando aparece, é quase sempre branda; a solidão é cotidiana; o grotesco mora ao lado do afeto. É nesse território incômodo que Nogueira constrói sua narrativa, recusando finais redondos ou lições de moral. A coletânea se apresenta como uma série de fragmentos — alguns curtos, outros mais extensos — intercalados por comentários do narrador sobre a própria escrita, num movimento que aproxima o livro do diário e do ensaio.

A pandemia de covid-19 ocupa um lugar central na segunda parte do livro, com relatos de ruas desertas, toque de recolher e a sensação de que o mundo havia parado — mas não a morte. “Os mortos já estão aqui. Os mortos falam alto o suficiente”, escreve o narrador num dos trechos mais ácidos. É também ali que Nogueira expõe com mais nitidez a matéria bruta de que o livro é feito: a fronteira entre o real e o ficcional se amolece, e o autor-personagem-escritor se confunde num jogo de espelhos que deságua na pergunta central: o que significa “fracassar” para quem faz arte?

A resposta, no livro, não vem como tese, mas como experiência. O narrador, depois de tentar escrever um romance e falhar, decide usar suas anotações sobre o mundo “extra-capas” como matéria-prima. O que poderia ser um atestado de impotência se transforma em método: o fracasso, aqui, não é o oposto do sucesso, mas um estado de criação. “Me tranquiliza saber que o fracasso, se vier, deve ser assim tão



brando”, confessa o autor, fantasiado de personagem.

Sobre o autor - Bruno Nogueira nasceu em Lagoa da Prata (MG), em 1988, e cresceu em Uberaba. É escritor, tradutor e doutorando em estudos literários pela UFPR, sob orientação de Caetano Galindo. Já foi vendedor, professor, roteirista e tradutor de artigos científicos. É autor da coletânea de contos “A síndrome do impostor” (Kotter, 2019) e do romance “Grito distante” (Kotter, 2024). Atualmente, divide-se entre Uberaba e Curitiba, onde desenvolve pesquisas sobre literatura e fronteiras entre ficção e realidade.

Sobre a orlando - A editora orlando, fundada pelos jornalistas Karol Lopes, Marcela Güther e Vincent Sesering (também sócios

da agência de comunicação literária com.tato), nasceu para dar voz a escritores independentes com qualidade e profissionalismo. Com o lema “Histórias que desafiam o tempo”, oferece serviços completos de edição, revisão, design e divulgação, além de catálogos organizados em selos específicos: ziguezague (infantil), dobradura (poesia), espiral (ficção) e brecha (não ficção). Mais que publicar livros, aposta em estratégias de visibilidade para conectar autores e leitores. Saiba mais em [editoraorlando.com.br](#) e no Instagram [@editoraorlando](#).

Ficha técnica: Um Fracasso Assim Tão Brando, Bruno Nogueira, Editora: orlando [@editoraorlando](#) Gênero: Contos / Ficção / Páginas: 140

LANÇADO NA FLIP 2026, GUERNICA GANHA VOZ EM LIVRO-GALERIA DE JACQUES FUX EDITADO PELA VIA LÚDICA

Obra infanto-juvenil transforma pintura de Picasso em narradora e propõe a “primeira galeria de arte” para muitas crianças e adolescentes brasileiros

Apresentado como obra central em um dos principais debates sobre formação de leitores na FLIP 2026, o livro “Guernica – A Arte em Busca da Paz” chega ao mercado editorial com a ambiciosa proposta de transformar a leitura em uma experiência de galeria de arte portátil. A obra utiliza a força narrativa de um dos quadros mais icônicos do mundo para sensibilizar novas gerações sobre temas como paz e empatia.

O grande diferencial da obra reside em seu narrador: a própria tela de Guernica, pintada por Pablo Picasso em 1937. Em vez de um texto meramente explicativo, Jacques Fux @jacquesfux optou por dar voz literária à pintura, permitindo que ela relate o impacto das pinceladas de seu criador durante os 35 dias de produção compulsiva sob a fúria da guerra.

Para Fux, a escolha de um narrador improvável foi essencial para a profundidade da obra: “É um narrador que proporciona uma conversa mais empática e sentimental, porque a obra está sentindo o que está acontecendo. Mostramos a pintura sentindo as pinceladas, sentindo a dor e a guerra”, diz.

Um Diálogo entre Ciência e Literatura

Jacques Fux é um nome celebrado na literatura contemporânea, com uma trajetória que transita entre a ciência e a ficção. Escritor, tradutor e doutor em Literatura Comparada, Fux possui uma formação singular em Matemática e Ciência da Computação, o que confere às suas obras uma estrutura narrativa que desafia o convencional. Com mais de 20 livros publicados, ele defen-

de que a literatura é a ferramenta definitiva para “ver com os olhos dos outros”, combatendo o sedentarismo cognitivo da era digital através de histórias que conectam realidades.

Para fazer justiça ao mural original de cerca de 3 metros de altura por 8 metros de comprimento, a edição foi concebida em um formato gigante e proporcional, garantindo que o leitor sinta a grandiosidade física da obra. O projeto visual é assinado pelo ilustrador Vinícius Sabato, que faz sua estreia na literatura com um trabalho de profunda pesquisa sobre o cubismo e o estilo de Picasso. Suas ilustrações não funcionam como meras decorações, mas como uma linguagem própria que dialoga com o texto para construir subjetividade e repertório visual.

Via Lúdica: Literatura como Galeria de Arte

O lançamento é um marco para a Via Lúdica @editoravialudica, selo do Grupo Multiverso das Letras focado em obras que unem o prazer da leitura ao desenvolvimento cognitivo. A editora defende que o livro é, para muitas crianças brasileiras, a “primeira galeria de arte” a que terão acesso, cumprindo um papel social de democratização cultural.

Sob a gerência editorial de Marília Mendes, a Via Lúdica vem selecionando catálogos que atendam às demandas de um mercado em transformação, apostando em obras de alto valor simbólico e estético.

“Muitas crianças só têm acesso ao livro pela escola. Quando escolhemos apresentar uma obra de arte, temos a responsabilidade de plantar uma sementinha para que essa criança se torne alguém que admira a arte”, afirma.

“Guernica” é o ponto de partida para o projeto “Constelações Literárias”, que em breve trará novos títulos dedicados a figuras como Marie Curie e Hannah Arendt.



SOBRE O LIVRO Guernica: a arte em busca da paz Texto: Jacques Fux Ilustrações: Vinicius Sabbato Editora: Via Lúdica Faixa etária: a partir de 12 anos Páginas: 64 Valor: R\$99,90

Um livro em que o quadro Guernica narra sua própria história, da tragédia que a inspirou ao impacto que provocou no mundo inteiro. Uma homenagem à arte como resistência, memória e paz.

Jacques Fux é um premiado escritor brasileiro, nascido em Belo Horizonte em 1977, que também se destaca na literatura infantojuvenil com obras lúdicas, biografias literárias e releituras de clássicos. Doutor em Literatura Comparada e com pós-doutorado em Harvard, ele recebeu prêmios como o FNLIJ e foi finalista do Jabuti e do Barco a Vapor.

Sobre o grupo editorial Multiverso das Letras

Múltiplas possibilidades: essa é a ideia do Multiverso das Letras, um grupo editorial que une literatura e



educação, proporcionando a qualquer pessoa o poder de embarcar na maior viagem que o ser humano pode fazer. Por meio da escuta ativa, o grupo procura entender e potencializar a transformação e o desenvolvimento pessoal tanto de leitores e estudantes quanto de educadores e gestores.

Editores e soluções educacionais do grupo:

- * Viver Editora | vivereditora.com.br
- * Editora Órbita | editoraorbita.com.br
- * MWC Editora | mwceditora.com.br
- * Editora Via Lúdica | editoravialudica.com.br
- * Cantinela Editora | cantinelaeditora.com.br
- * Multiletras | multiletras.com.br

ROMANCE PREMIADO CONECTA REFINARIAS, DESAPARECIMENTOS POLÍTICOS E CONFLITOS HISTÓRICOS NA REGIÃO AMAZÔNICA

Vencedor do 1º Prêmio Escrevíveis, o romance *Inventário de um silêncio* (Editora Litteralux / Selo Auroras) @ [editorialitteralux](https://editorialitteralux.com.br) chega ao mercado literário como uma das vozes mais contundentes da ficção brasileira contemporânea sobre a ditadura militar. Sandra Godinho @sandra.godinho2023, autora de 16 livros e radicada há 23 anos em Manaus, conduz o leitor por um território pouco explorado pela literatura: o interior das empresas, onde a repressão operou de forma silenciosa e sigilosa, definindo trajetórias, afetos e destinos. A obra tem texto de orelha assinado pela escritora Marcela Dantés e quarta capa da editora do selo, Dani Costa Russo.

A escritora estaria lançando *Inventário de um silêncio* em São Paulo no dia 30 de agosto, às 14h30, *(durante o fechamento desta edição)* no Café Colombiano, da La Libreria, em um bate-papo mediado pela escritora Luísa Novaes.

A trama acompanha Murilo, um engenheiro atormentado por uma lacuna: seu irmão Joel, sindicalista, desapareceu há doze anos. Quando Murilo acredita reencontrá-lo em um bar no centro do Rio de Janeiro, inicia-se uma investigação íntima sobre escolhas que moldam e deformam uma vida inteira. Entre Manaus, Rio de Janeiro e Salvador, o protagonista percorre um labirinto de ressentimentos, enquanto a violência do regime não se apresenta apenas nos porões dos quartéis, mas nos escritórios, nos relatórios, nas promoções, nas listas internas, nos pactos de conveniência e nos segredos corporativos de uma refinaria de petróleo.

Sobre o tom e a potência do romance, a escritora Marcela Dantés, responsável pela orelha do livro, define: “Há histórias que não se contam em voz alta. Elas se acumulam nas frestas do tempo, nas ruas atravessadas por lembranças que insistem em não morrer. *Inventário de um silêncio* é

uma dessas histórias — feita não só do que foi vivido, mas principalmente do que foi calado”. Dantés também destaca que Sandra Godinho “escreve com uma prosa envolvente, cortante e profundamente humana”, e que o romance “nos lembra que toda família guarda seus fantasmas, e que toda memória, quando finalmente nos alcança, exige coragem para ser encarada”.

A motivação para o livro nasceu de uma conversa entre amigos sobre torturas ocorridas no interior de uma refinaria e sobre como os militares encamparam uma refinaria privada no Amazonas para a Petrobrás. “Depois disso, mergulhei na pesquisa de elementos que embasassem a informação dada, levando alguns meses para isso”, conta Sandra Godinho. A escrita do romance propriamente dito levou dois meses, mas o processo total, com revisões e leitura crítica, estendeu-se por quase dois anos até a autora dar a obra por encerrada.

Os temas centrais do livro dialogam com questões urgentes da atualidade: petróleo, refinaria, traição, conflitos familiares, amores desfeitos, luta sindical, desaparecimento político e ditadura. “Vejo a necessidade de reflexão sobre temas atuais e que nos afetam diretamente”, afirma a autora. “Há a necessidade de conscientizar, chamar a atenção sobre os problemas e histórias da região amazônica e sobre o apagamento das minorias ao longo da história.”

Para Sandra Godinho, o livro representa uma faceta de sua busca por justiça, por dar voz aos que não têm voz e por resgatar a verdade. “Todo livro nos transforma à medida que mergulhamos nele, na medida que o autor empreende sua própria reflexão, crítica, análise. Escrever é resistência e também um ato político”, declara. A mensagem principal que a obra transmite é clara: “O resgate da memória e dos fatos históricos é



imprescindível. É preciso lembrar para nunca esquecer.”

A construção do romance é marcada por uma prosa envolvente, cortante e profundamente humana, como também destaca a editora Dani Costa Russo, que assina a quarta capa: “Sandra Godinho escreve com uma prosa envolvente, cortante e profundamente humana. Seus

personagens caminham por paisagens externas e internas com a mesma intensidade, revelando que o silêncio, às vezes, é a mais ruidosa das presenças”. A autora optou pela estrutura linear, ainda que comece in medias res, e afirma que “cada história tem seu ponto próprio, a forma de um livro meu muda de um para o outro”.



O romance é fruto de uma longa trajetória literária. Sandra Godinho escreve desde 2011, participando de antologias, e, a partir de 2016, com livros autorais; tem 16 livros publicados, com prêmios como o Prêmio Cidade de Manaus (2019, 2020, 2021), o Prêmio Carolina Maria de Jesus (2023) e menção honrosa no 60º Prêmio Literário Casa de Las Américas (2019). I Prêmio Escrevíveis, em 2025, e II Prêmio Fruta de Barro, em 2026; além de ser finalista no Prêmio SP de Literatura em 2021, e no Prêmio Leya, em 2021, 2022, 2014. Suas obras

Tocaia do Norte e A Secura dos Ossos têm reconhecimento internacional e estão sendo traduzidas para outros idiomas. “Só se aprende a escrever escrevendo”, resume a autora, que se dedica à escrita todas as manhãs, com a meta de três laudas diárias.

Inventário de um silêncio é, portanto, a estreia de uma parceria do coletivo de escritoras Escrevíveis com o selo Auroras, da Editora Litteralux, trazendo para o centro da literatura uma gama de mulheres dedicadas à escrita e à publicação, sobretudo com bibliodiversidade. Como

afirma a curadoria, “seguimos todas empenhadas em nunca deixar as narrativas orbitarem um único universo. E com a denúncia necessária para reviver os assuntos mais temidos”.

Sobre a autora - Sandra Godinho (1960) é paulista, radicada em Manaus há 23 anos. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas, publicou 16 livros e foi premiada por vários deles. Ganhou o Prêmio Cidade de Manaus por três anos consecutivos (2019, 2020, 2021) e menção honrosa em 2024; venceu o Prêmio Carolina Maria de Jesus em 2023, o Prêmio Escrevíveis em 2025 e o II Prê-

mio Fruta de Barro em 2026. Recebeu menção honrosa no Prêmio Literário Casa de Las Américas em 2019 e foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura (2021) e do Prêmio Leya (2021, 2022, 2024). Foi contemplada pelo PNAB 2024. Suas obras Tocaia do Norte e A Secura dos Ossos têm reconhecimento internacional e estão sendo traduzidas para outros idiomas.

Ficha técnica Inventário de um silêncio, Sandra Godinho Gênero: Romance Editora: Litteralux Selo: Auroras Orelha: Marcela Dantés Quarta capa: Dani Costa Russo Número de páginas: 184 Ano: 2026 Preço: R\$60

PESQUISADORAS DA UFSCAR E DO IFSP LANÇAM CADERNO DE FORMAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA CRÍTICA

Publicação reúne pesquisas, experiências e referenciais para apoiar o ensino de Ciências na Educação Básica

Já está disponível para acesso gratuito o Caderno de Formação “Construindo práticas de referência: entre saberes da educação científica crítica”, organizado pelas pesquisadoras Denise de Freitas e Mariana dos Santos, docentes do Departamento Interdisciplinar de Formação Docente (DIFD) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Alessandra Miguel Kapp, docente do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), campus Barretos. Voltada à formação e ao apoio de professoras e professores da Educação Básica, a publicação reúne pesquisas, experiências e referenciais que podem subsidiar o ensino de Ciências em uma perspectiva crítica.

A obra reúne contribuições de pesquisadoras e pesquisadores da UFSCar e de instituições parceiras do Brasil, Portugal e Espanha e articula experiências, pesquisas e referenciais da Educação Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), do Pensamento Crítico e Criativo e do Paradigma da Complexidade.

Organizado em três partes, o material apresenta narrativas de situações vivenciadas no contexto escolar; textos de apoio sobre pressupostos,

princípios e estratégias da Educação Científica Crítica; e uma experiência de prática de referência, aproximando fundamentos teóricos e possibilidades concretas de trabalho docente.

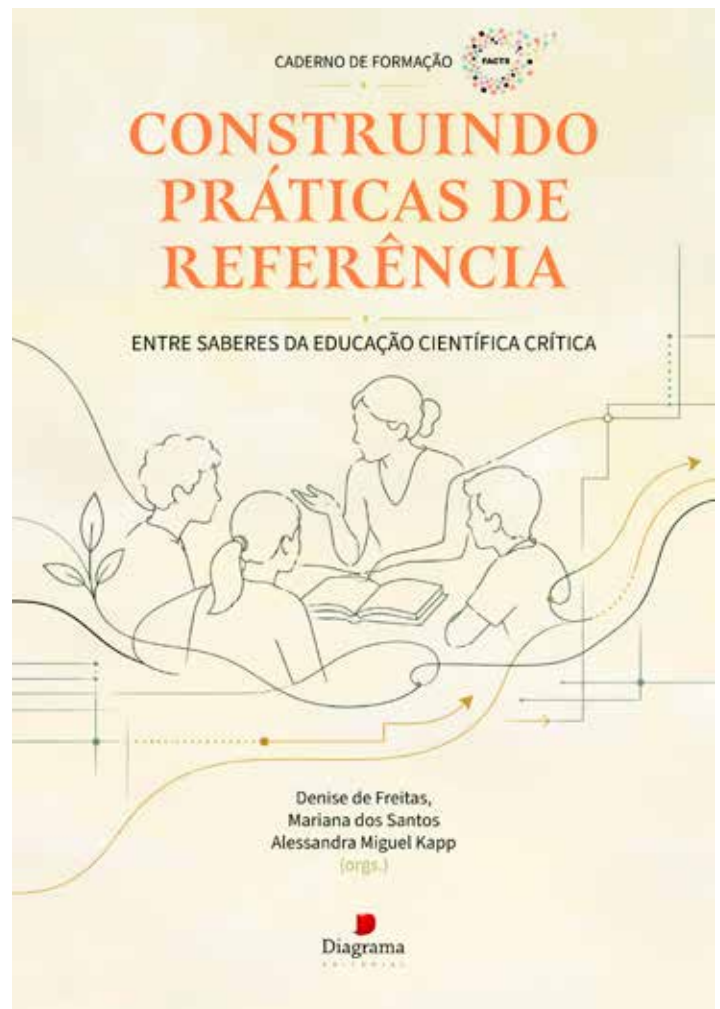
Segundo Kapp, a publicação surgiu para aproximar a produção acadêmica das situações vivenciadas no cotidiano escolar. “O intuito é contribuir com professoras e professores que buscam construir uma educação científica mais crítica, reflexiva e comprometida com a realidade”, afirma.

“Mais do que apresentar conceitos, a obra reúne reflexões e práticas que podem inspirar novas possibilidades de ensinar Ciências, estimulando o questionamento, a argumentação e a compreensão das relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente”, destaca Freitas.

Por fim, Santos complementa: “esperamos que o livro chegue às escolas e aos espaços de formação como uma ferramenta de diálogo e inspiração, fortalecendo professoras e professores na construção de práticas educativas que contribuam para que estudantes compreendam criticamente o mundo e participem de sua transformação”.

Lançamento

O Caderno de Formação “Construindo práticas de

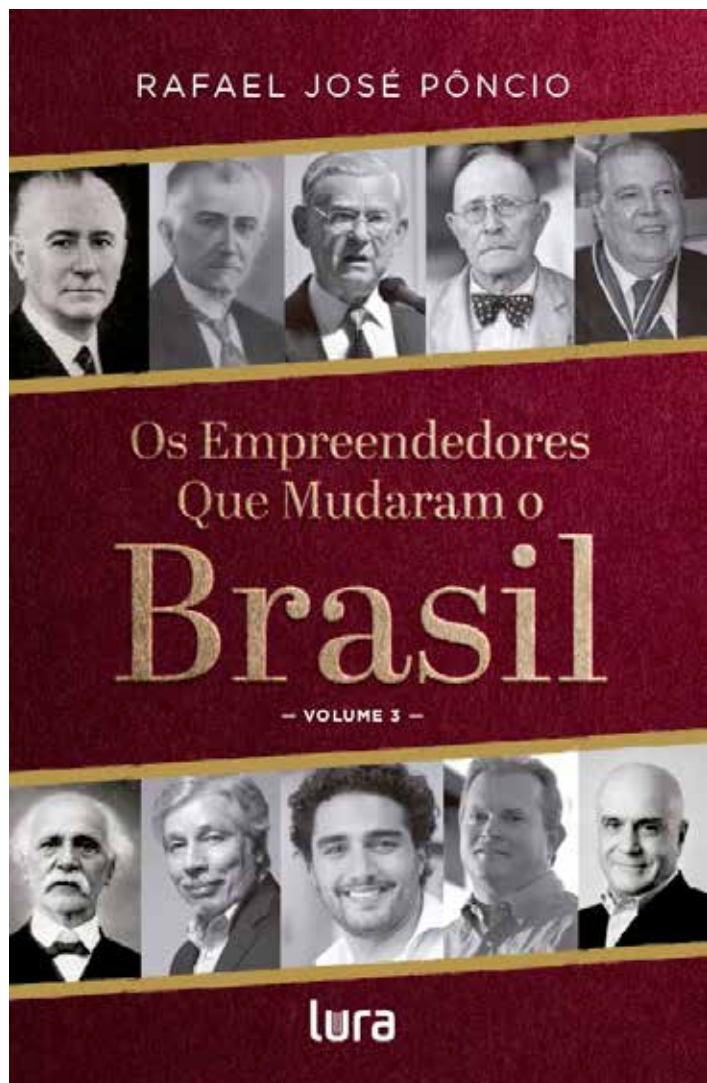


referência: entre saberes da educação científica crítica” estaria tendo lançamento oficial no dia 27 de agosto, *(durante o fechamento desta edição)* às 17 horas, durante o X Encontro Nacional de Ensino de Biologia, em João Pessoa (PB). Também está previsto um

lançamento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar, em data a ser divulgada posteriormente.

A publicação está disponível gratuitamente na página de publicações do Portal FACTS, em <https://facts.ufscar.br/produtos/publicacoes>.

ANTES DA ECONOMIA DIGITAL: OS EMPRESÁRIOS QUE CONSTRUÍRAM O BRASIL MODERNO



Livro resgata a trajetória de empreendedores que ajudaram a moldar a economia brasileira muito antes da internet, das startups e dos unicórnios, mostrando como seus negócios transformaram cidades, hábitos de consumo e setores inteiros da indústria nacional.

Durante as últimas duas décadas, o imaginário sobre empreendedorismo passou a ser dominado por empresas de tecnologia, plataformas digitais e startups bilionárias. Mas muito antes do Google, do Nubank ou das fintechs, empresários brasileiros já promoviam transformações profundas na economia do país. É esse resgate histórico que o livro *Os empreendedores que mudaram o Brasil – Volume 3*, do pesquisador Rafael José Pôncio, publicado pela Lura Editorial, propõe ao apresentar dez histórias de empresários cujos legados permanecem presentes no cotidiano dos brasileiros.

A obra mostra que a construção do Brasil moderno passou pela iniciativa de empreendedores que ajudaram a consolidar a indústria, desenvolveram novos mercados, criaram hábitos de consumo e impulsionaram o crescimento de cidades inteiras. Entre eles estão Rodolfo Crespi, pioneiro da indústria têxtil paulista; Johann Karsten, fundador de uma das empresas têxteis mais tradicionais do país; Werner Ricardo Voigt, um dos criadores da WEG; Adolpho Selmi, responsável por popularizar a produção industrial de massas; Luiz Seabra, fundador da Natura; Ricardo Brennand, industrial e mecenas; Marcelo Alecrim, da ALESAT; e Salim Mattar, criador da Localiza.

Ao longo de 224 páginas, o autor demonstra que essas trajetórias ajudam a compreender a própria evolução econômica brasileira. Em vez de apresentar apenas biografias, o livro relaciona cada

personagem às mudanças sociais, culturais e industriais provocadas por seus empreendimentos, evidenciando como negócios privados também participaram da formação do Brasil contemporâneo. O resultado é uma narrativa que aproxima a história empresarial da história do desenvolvimento nacional.

“Quando falamos em inovação, normalmente pensamos em tecnologia. Mas o Brasil foi transformado por empreendedores muito antes da revolução digital. Eles criaram indústrias, desenvolveram novos mercados, profissionalizaram setores inteiros da economia e deixaram legados que continuam influenciando milhões de pessoas”, afirma Rafael José Pôncio.

Um dos exemplos apresentados é Rodolfo Crespi, cuja atuação foi decisiva para o fortalecimento da indústria têxtil e para a industrialização de São Paulo. Já Werner Ricardo Voigt ajudou a transformar uma pequena fábrica catarinense na WEG, empresa que se tornou referência mundial em motores elétricos e equipamentos industriais. Adolpho Selmi levou a tradição italiana da produção de massas para a indústria brasileira, consolidando uma marca que atravessa gerações.

O livro também evidencia que o legado desses empresários vai muito além dos resultados financeiros. Ricardo Brennand tornou-se um dos maiores incentivadores da cultura brasileira por meio de seu instituto e de seu acervo histórico. Johann Karsten construiu uma empresa centenária que permanece entre as principais referências do setor têxtil. Luiz Seabra revolucionou o mercado de cosméticos ao aproximar inovação, relacionamento e sustentabilidade muito antes de esses conceitos ocuparem o centro das estratégias empresariais. Já Salim Mattar transformou a Localiza em uma das maiores locadoras de veículos da América Latina, contribuindo para mudar a forma como os brasileiros se relacionam com a mobilidade.

Ao reunir empresários de diferentes setores e épocas, a obra também demonstra que inovação não depende exclusivamente da

tecnologia. Cada um dos personagens identificou oportunidades em seu contexto histórico, enfrentou desafios econômicos e ajudou a criar empresas que continuam gerando empregos, renda e desenvolvimento décadas depois de sua fundação. Em comum, compartilham uma visão de longo prazo que permanece como referência para quem empreende hoje.

“Esses empresários mostram que empreender não é apenas criar empresas. É transformar realidades, desenvolver pessoas, criar oportunidades e construir instituições que permanecem relevantes por décadas. Conhecer essas trajetórias é compreender parte da história econômica do Brasil”, destaca o autor.

Ao revisitar essas histórias, Os empreendedores que mudaram o Brasil amplia o debate sobre empreendedorismo ao mostrar que, antes da economia digital e do universo das startups, já existiam empresários capazes de reinventar mercados, impulsionar a industrialização, fortalecer cadeias produtivas e contribuir para a formação do Brasil moderno. A obra convida o leitor a olhar para esses personagens não apenas como empresários de sucesso, mas como protagonistas de importantes transformações econômicas e sociais do país.

Serviço: Os empreendedores que mudaram o Brasil – Volume 3, Rafael José Pôncio, Lura Editorial, 224 págs Disponível em: Amazon

Sobre o autor: Rafael José Pôncio transita entre a pesquisa e o mundo real dos negócios. Economista, administrador e contabilista, é escritor, professor de Administração e pesquisador da história do empreendedorismo brasileiro. Atua em advisory para empresas familiares e estruturas patrimoniais, com ênfase em governança, sucessão, organização decisória e continuidade. Empresário com experiência em mercado financeiro e ativos patrimoniais, une reflexão histórica, vivência prática e visão de longo prazo na compreensão dos fundamentos que sustentam patrimônio, liderança e permanência. <https://www.linkedin.com/in/rafaeljoseponcio>

COLETÂNEA REÚNE TEXTOS RAROS DE PIERRE VERGER

Em parceria, Instituto Çarê @instituto cultural care e Fundação Pierre Verger @fundacao pierre-verger publicam ensaios escritos pelo etnógrafo entre os anos 1950 e 1980. O lançamento em São Paulo acontece no dia 16 de setembro, às 19h, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, em mesa com os pesquisadores Ângela Lühning, Angela Fileno @angela fileno e Rafael Galante @galanterafael. A entrada é gratuita, com retirada de ingressos uma hora antes do evento

Iorubahia – Escritos raros sobre a cultura iorubá e as relações entre Brasil e golfo do Benim (Letra da Cidade/Fundação Pierre Verger, 2026) reúne doze textos de Pierre Fatumbi Verger (1902-1996), boa parte inédita em português, produzidos entre o fim dos anos 1950 e o início dos anos 1980.

Parceria com a Fundação

Pierre Verger, Iorubahia é uma realização do Instituto Çarê, organização cultural sem fins lucrativos que se dedica a preservar e a fomentar manifestações culturais brasileiras de relevo. O livro nasceu do processamento do acervo da editora sotropolitana Corrupio, adquirido em 2003 pelo Çarê. Com organização de Angela Lühning, tem projeto gráfico de Oga Mendonça e posfácio de Tiganá Santana.

O lançamento do livro em São Paulo acontece no dia 16 de setembro, às 19h, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, em uma mesa de debate com os pesquisadores Ângela Lühning, Angela Fileno, coordenadora de núcleo de acervo do Instituto Çarê, e Rafael Galante, historiador e etnomusicólogo, com estudos sobre musicalidade e espiritualidade africanas e da diáspora negra. A



mediação é da jornalista Teté Martinho. A entrada é gratuita, com retirada de ingressos uma hora antes do início do evento.

Resultado de pesquisas realizadas entre a África Ocidental, a Bahia e outros territórios da diáspora africana, os ensaios abordam temas que acompanharam Verger ao longo de décadas, como as relações históricas entre o Golfo do Benim e o Brasil, a religião dos orixás, o transe, as plantas litúrgicas, o sistema de divinação Ifá e as tradições orais da cultura iorubá.

No período em que escreveu esses textos, Verger viveu entre Salvador e a Nigéria, pesquisou arquivos coloniais europeus e brasileiros, tornou-se doutor em estudos africanos pela Escola Prática de Altos Estudos, em Paris, foi pesquisador associado da Universidade de Ibadan e professor visitante da Universidade de Ilê-Ifé. Também percorreu cidades e vilas do território iorubá para acompanhar rituais e registrar relatos orais de babalaôs.

“Os textos reunidos em Iorubahia representam faces relevantes da trajetória multitemática e multiespacial do pesquisador Pierre Fatumbi Verger, que ele manteve em processo de construção constante, além da carreira do fotógrafo já consagrado”, afirma Ângela Lühning.

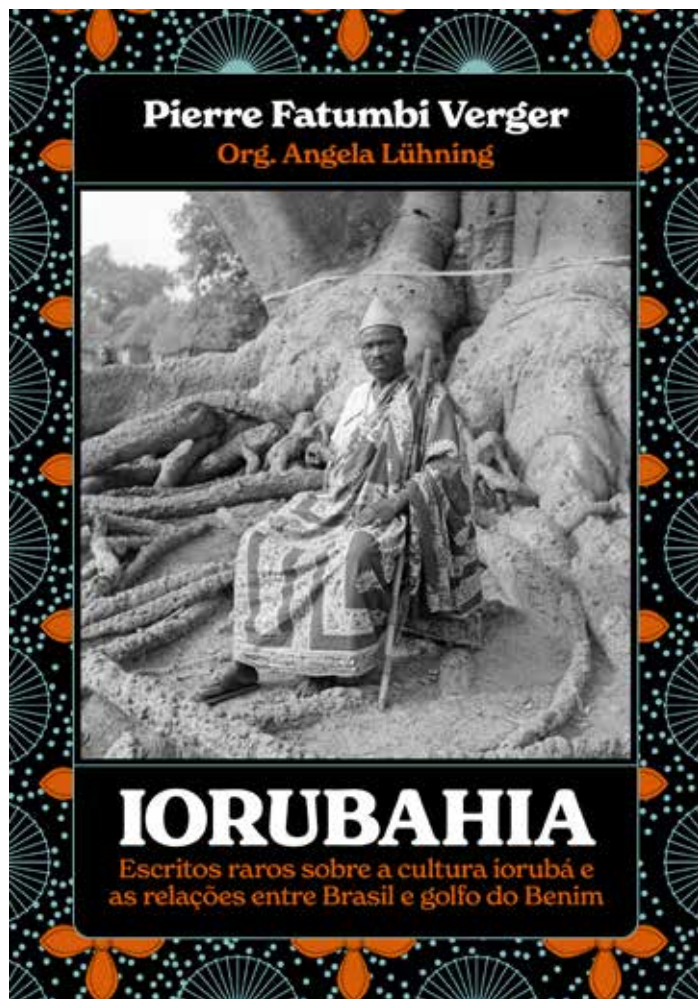
A coletânea está organizada em três eixos temáticos. O primeiro, Aspectos

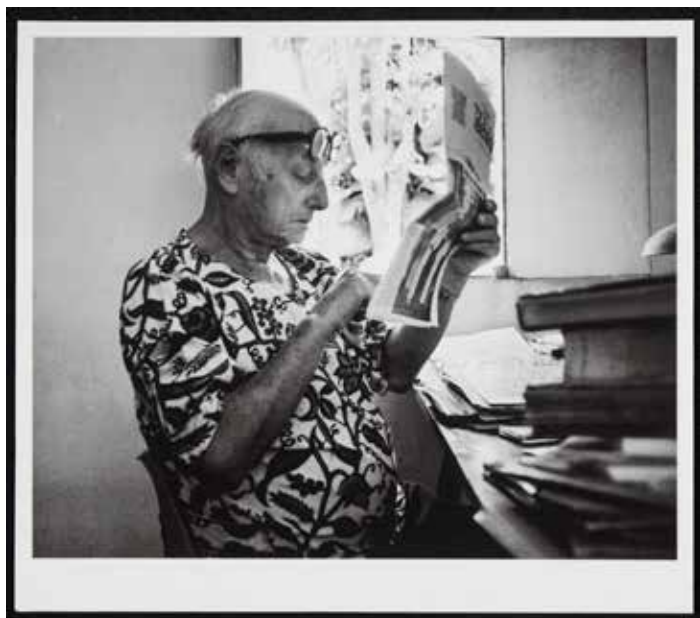
históricos das relações transatlânticas, dialoga com a pesquisa que deu origem à tese de doutorado de Verger sobre o tráfico de escravizados entre o golfo do Benim e a Bahia. O segundo, Religião iorubá: fundamentos e diáspora, aborda o papel da religião dos orixás na Nigéria e no Brasil e o fenômeno do transe religioso. Já Cultura, conhecimento e oralidade iorubá reúne reflexões sobre conhecimentos transmitidos oralmente, plantas litúrgicas e o sistema de divinação Ifá, temas que o pesquisador aprofundaria posteriormente em

Ewé. O uso das plantas na sociedade iorubá.

No posfácio, o pesquisador, curador e multiartista Tiganá Santana destaca a contribuição de Verger para os estudos africanos e afro-brasileiros e observa que sua obra rompe hierarquias entre o conhecimento produzido na África e na diáspora, propondo uma compreensão mais ampla das conexões culturais entre os dois lados do Atlântico. “Verger convoca que se esteja, seriamente, lá (em algum locus existencial do continente africano) e que se redimensione, por conseguinte, o que é nascer/viver cá”, escreve. “Em última análise, que se repense o ‘lá’ e o ‘cá’. Nada é simples em toda essa história; muito menos deve ser a nossa inserção nela, a nossa recepção dela.”

Inaugurada em 1979 por um grupo de mulheres li-





derado pela fotógrafa Arlete Soares, a editora Corrupio foi criada para editar a obra de Verger. Ao longo de quatro décadas, construiu um catálogo dedicado à presença negra na formação da cultura brasileira e às relações históricas entre o Brasil e a África. A aquisição desse acervo pelo Instituto Çarê possibilitou a retomada de manuscritos de Verger, e deu origem a Iorubahia.

O autor

Pierre Fatumbi Verger (Paris, 1902 – Salvador, 1996) iniciou sua trajetória profissional nos anos 1930, tornando-se conhecido como fotógrafo viajante. Em 1946, fixou residência em Salvador, onde trabalhou inicialmente como repórter fotográfico para a revista O Cruzeiro. Mais tarde, enveredou pela pesquisa documental e de campo nas áreas de antropologia, história, conhecimentos orais e botânica, conforme seu interesse se ampliava para questões históricas e culturais, e as tradições religiosas de matriz africana. Em viagens constantes à África Ocidental, e em um período de doze anos vivendo na Nigéria, fez um mergulho pessoal na cultura iorubá, tendo sido iniciado como babalão em 1953. Em 1966, tornou-se doutor em estudos africanos pela École Pratique des Hautes Études (EPHE), em Paris. É autor de obras referenciais para o estudo dos trânsitos culturais

atlânticos e da presença iorubá na diáspora, como Orixás. Os deuses iorubás na África e no Novo Mundo e Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX.

A organizadora

Angela Lühning começou a trabalhar com Pierre Verger em 1988, momento da criação da Fundação Pierre Verger, em Salvador, e segue vinculada à instituição, como diretora e coordenadora do Espaço Cultural Pierre Verger. Realizou diversas pesquisas sobre Verger e sua atuação, que resultaram em uma série de artigos e outras publicações. Organizou os livros Pierre Verger: repórter fotográfico (2004) e Verger-Bastide: Dimensões de uma amizade (2002), ambos publicados pela Bertrand Brasil. É professora titular aposentada da Escola de Música da UFBA, tendo atuado na área de etnomusicologia da instituição de 1990 a 2025. Suas pesquisas abordam música, memória, história e oralidade na cultura afro-brasileira, além de experiências de educação social em bairros populares de Salvador.

Os editores

Letra da Cidade (<https://institutocare.org.br/nucleos/livros/>) é o selo editorial dos institutos Acaia e Çarê, duas organizações sem fins lucrativos sediadas em São Paulo e voltadas a promover a valorização e o acesso à educação e

à cultura. Seu catálogo cobre áreas de interesse dos dois institutos, como educação, cultura jovem periférica, música e artes visuais.

O Instituto Çarê, centro cultural aberto à cidade, tem como missão salvaguardar e difundir obras que marcam pontos de inflexão na história da cultura brasileira, promovendo manifestações artísticas relevantes, que passam ao largo do radar do mercado cultural.

A Fundação Pierre Verger (<https://pierreverger.org>) é uma instituição sem fins lucrativos criada em 1988 e sediada na casa onde Pierre Verger viveu, em Engenho Velho de Brotas, Salvador. Tem como missão preservar o acervo e a memória de Verger, além

de propor atividades culturais e socioeducativas para a comunidade local.

SERVIÇO: Iorubahia _ Escritos raros sobre a cultura iorubá e as relações entre Brasil e golfo do Benim / Pierre Fatumbi Verger / Ângela Lühning (org.) / Letra da Cidade/Fundação Pierre Verger, 2026 / 320 páginas / R\$ 110

Lançamento/serviço:

Quando: 16 de setembro, quarta-feira, às 19h /Onde: Biblioteca Mário de Andrade /Mesa de lançamento: Ângela Lühning, Angela Fileno, Rafael Galante e Tetê Martinho (mediação). /Entrada: Gratuita, com retirada de ingressos 1 hora antes.

Adriana Balsanelli

Boa revista literária se faz com livros, mas principalmente com as editoras que os produz!

...e as melhores estão conosco....

Confira em nossas edições paginaleste.wordpress.com

LACRÉ
Literatura, arte, cultura & records

LEIA! SE GOSTAR MANDE EM FRENTE. SE GOSTAR MUITO CONSIDERE NOS AJUDAR.

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: laczine@gmail.com

SALÃO DE IDEIAS DA BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO PROPÕE DEBATE PROFUNDO SOBRE O CONTEMPORÂNEO

Com curadoria de Cris Páz, espaço reúne discussões sobre temas que atravessam a sociedade contemporânea, com nomes como Rita Von Hunty, Ivan Mizanzuk e Michel Alcoforado, e reforça o livro como ferramenta de reflexão crítica.



Cris Páz, @eucrispaz comunicadora, escritora, palestrante e produtora de conteúdo. Autora de oito livros e colunista da Rádio BandNews FM em Belo Horizonte, Cris adotou profissionalmente o nome atual em 2022, após tornar-se amplamente conhecida como Cris Guerra.

Em um mundo marcado pela velocidade digital, pelo excesso de telas e por mudanças sociais profundas, o Salão de Ideias surge como um dos espaços mais relevantes da próxima Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Mais do que um palco de discussões teóricas, o espaço foi concebido para reforçar o livro como um instrumento de reflexão sobre os desafios contemporâneos e um ponto de partida para ampliar o debate público.

Para a presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sevani Matos @sevani68, o Salão de Ideias traduz a essência do papel social do evento no país: “A Bienal Internacional do Livro de São Paulo é um ecossistema vivo de debates urgentes para a nossa sociedade. O Salão de Ideias cumpre o papel fundamental de transformar a literatura em uma ponte para o pensamento crítico. Ao reunir vozes tão plurais para discutir inteligência artificial, diversidade, longe-

vidade e as inquietações do mundo digital, reforçamos o compromisso da CBL em fazer do livro um agente ativo na formação de indivíduos conscientes e preparados para os desafios do presente e do futuro.”

Curadoria focada nos grandes dilemas atuais

A curadoria desta edição reflete o olhar e a trajetória de Cris Páz, comunicadora, escritora, palestrante e produtora de conteúdo. Autora de oito livros e colunista da Rádio BandNews FM em Belo Horizonte, Cris adotou profissionalmente o nome atual em 2022, após tornar-se amplamente conhecida como Cris Guerra. Em diferentes plataformas, aborda temas relacionados à saúde mental, ao protagonismo e à longevidade.

Acompanhada de sua equipe, Cris Páz coloca as transformações contemporâneas no centro da programação do Salão de Ideias. A proposta combina a relevância dos temas com a pluralidade das vozes convidadas, reunindo discussões capazes de dialogar com diferentes públicos e gerações. Segundo a curadora, a grade foi estruturada para provocar reflexões sobre dilemas que afetam diretamente o cotidiano.

Inteligência artificial, diversidade, misoginia e o impacto da tecnologia no futuro do trabalho estão entre os eixos que irão atravessar as mesas. “Existe um movimento desenfreado em direção ao virtual, mas, ao mesmo tempo, um retorno expressivo aos livros. A leitura é uma forma de resistir a esse mundo acelerado”, pontua Cris Páz.

Grandes nomes e múltiplos eixos temáticos

Para conduzir e enriquecer essas reflexões, a pro-

gramação reunirá pensadores, jornalistas, criadores de conteúdo e autores de destaque no cenário nacional e internacional. Entre os nomes confirmados para os debates no espaço estão Rita Von Hunty, Ivan Mizanzuk, Michel Alcoforado, Henrique Cymerman, Juvi Chagas, Fabíola Simões, Renan Bittencourt e Aimée Espinosa.

Escrita x Algoritmos — A mesa propõe uma reflexão sobre o papel do escritor na era das redes sociais e as diferenças entre a busca por engajamento e a construção de autoridade por meio da literatura. “O influenciador quer influenciar; o autor também busca gerar impacto, mas o que ele está entregando ao leitor é substancialmente diferente”, explica Cris Páz.

Distopias e Realidade — Os debates reunirão autores para discutir como a literatura de terror e fantasia permite exercitar a imaginação e refletir sobre as inquietações de uma geração hiperconectada.

Língua Viva — As transformações do idioma serão discutidas a partir de suas origens e da maneira como a palavra falada e escrita ajuda a construir o passado, o presente e o futuro.

Protagonismo e Longevidade — Temas como menopausa, envelhecimento e maturidade feminina serão abordados sob uma perspectiva cultural e social, colocando o protagonismo das mulheres no centro da discussão.

O Salão de Ideias promete ser o ponto de encontro perfeito para quem busca não apenas respostas, mas as perguntas certas para compreender o mundo atual, dando voz às minorias, transformando desigualdades em potência criativa e fazendo do livro o caminho

mais seguro para a construção de indivíduos conscientes.

Confira a programação completa do Salão de Ideias no site da Bienal Internacional do Livro de São Paulo. <https://www.bienaldolivros.com.br/> Para esta edição, já estão confirmados patrocinadores como Bic, Claro, Colgate, Faber-Castell, Mercado Livre, Skeelo, Sura, Pólen um produto Suzano, Chambril uma marca Sylvamo e TecHub.

Campanha “Meu Livro, Meu Estilo”

Como um dos principais palcos da literatura no país, a Bienal Internacional do Livro de São Paulo também apoia a campanha Meu Livro, Meu Estilo, iniciativa da Câmara Brasileira do Livro que conecta a leitura à identidade e ao estilo de vida dos leitores, reforçando o papel do livro como elemento central da cultura e da formação cidadã. Siga a página no Instagram @meulivromeuestilo

SERVIÇO: Bienal Internacional do Livro de São Paulo, De: 4 a 13 de setembro de 2026, Local: Distrito Anhembi – São Paulo, Expositores: 269, Ingressos: disponíveis pela plataforma Fever: <https://feverup.com/m/660975> - Para mais informações: Bienal do Livro @bienaldolivros

**LEIA!
SE GOSTAR MANDE EM
FRENTE.
SE GOSTAR MUITO
CONSIDERE NOS AJUDAR.**

Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

**USE A CHAVE PIX:
lacrezine@gmail.com**

ARENA CULTURAL DA BIENAL DO LIVRO REUNIRÁ AUTORES NACIONAIS E INTERNACIONAIS EM PROGRAMAÇÃO MARCADA PELA PLURALIDADE

Com coordenação de Leonardo Neto, espaço aposta em encontros inéditos, novos formatos e experiências literárias para transformar o espaço em um dos grandes destaques da edição de 2026



A coordenação da programação da Arena Cultural está a cargo do jornalista e pesquisador Leonardo Neto, que participa da Bienal Internacional do Livro de São Paulo pela terceira vez, em edições anteriores, esteve à frente de espaços como o Papo de Mercado e o Salão de Ideias.



Principal palco dos encontros literários da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, a Arena Cultural by Polén reunirá alguns dos principais nomes da literatura nacional e internacional durante a edição de 2026. Entre os autores já confirmados estão as escritoras Ana Huang e Lynn Painter, fenômenos editoriais que conquistaram milhões de leitores ao redor do mundo, além do australiano Jay Kristoff, referência na literatura de fantasia contemporânea. Representando a produção nacional, o espaço receberá nomes como o cantor e escritor Alceu Valença e a dupla Gabriel Dearo e Manu Digilio, autores de grande sucesso entre o público jovem.

A 28ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo será realizada entre os dias 4 e 13 de setembro, no Distrito Anhembi. Com uma área total de 86 mil m², crescimento de 28% em relação à edição anterior, o evento deve receber cerca de 700 mil visitantes e 269 expositores, consolidando-se como o principal encontro literário do

país.

Para Sevani Matos @sevani68, presidente da Câmara Brasileira do Livro, a Arena Cultural traduz a proposta da Bienal de aproximar autores e leitores por meio de encontros que ultrapassam as páginas dos livros. “A Arena Cultural representa a essência da Bienal: reunir diferentes vozes, gerações e gêneros literários em um espaço de diálogo e descoberta. Queremos que cada encontro aproxime ainda mais os leitores dos autores e transforme a literatura em uma experiência compartilhada, capaz de despertar emoções, ampliar repertórios e criar memórias”, afirma.

Leonardo Neto - Graduado pela UFG e pós-graduado pela PUC-Goiás, Leonardo @leoneto.jpg acumula mais de 15 anos de experiência em comunicação corporativa e assessoria cultural, tendo atendido clientes de peso como Cultura Inglesa (onde assessorou visitas da família real britânica ao Brasil), Sesc SP, Cirque du Soleil, Irene Ravache, Maitê Proença e Regina Duarte.

Sua vivência no setor editorial inclui a atuação como editor-chefe do PublishNews entre 2014 e 2022, período no qual cobriu as principais feiras do livro do mundo (Frankfurt, Londres, Sharjah e Buenos Ai-

res) e idealizou projetos como a Casa PublishNews em Paraty, o Podcast e o Prêmio PublishNews. Em 2016, integrou uma missão de editores na Alemanha a convite do governo local e, em 2019, foi finalista do Excellence Awards da Feira do Livro de Londres como um dos três destaques globais no jornalismo de mercado editorial. Como autor, publicou 100 nomes da edição (2020) e O que pensa o mercado editorial brasileiro? (2024).

Para a edição de 2026, a proposta de Leonardo Neto é conectar diferentes gerações, gêneros literários e perfis de leitores, alinhando a Arena Cultural ao tema do evento, “Um festival de emoções”. Responsável por construir uma programação capaz de dialogar com múltiplos públicos, ele destaca que a escuta ativa do leitor é central no processo curatorial. “A Arena Cultural tem uma escala muito particular porque reúne leitores de diferentes idades, repertórios e interesses. O desafio é justamente construir uma programação plural, relevante e consistente. Para isso, mantemos diálogo constante com editoras e também ouvimos atentamente os leitores pelos canais oficiais da Bienal. Essa escuta é central em todo o processo”, afirma o curador.

Experiências marcantes e diversidade de vozes

Inspirada no conceito de festival, a proposta da Arena Cultural é valorizar os autores como verdadeiros protagonistas, promovendo encontros inéditos, debates, leituras especiais e momentos de interação. “A ideia de festival parte do reconhecimento de que hoje o leitor vive a literatura também como experiência. Estamos pensando a Arena Cultural para valorizar cada participação como um grande acontecimento, com encontros inéditos entre autores e uma programação que gere expectativa real no público. Quere-

mos que cada sessão tenha um clima de evento imperdível, com o livro sempre no centro de tudo”, destaca Leonardo Neto.

Além de reunir grandes sucessos editoriais, a grade abrirá espaço para tendências que vêm movimentando o mercado, como fantasia, suspense, thriller e literatura contemporânea brasileira. Para o curador, a diversidade de vozes será a principal marca do espaço em 2026. “A alma da Arena Cultural será a pluralidade. Teremos autores consagrados, nomes de enorme conexão com o público e também novas vozes que merecem ser descobertas. A Arena tem esse papel de apresentar escritores que podem marcar a próxima geração de leitores”, pontua. “Espero que a Bienal do Livro de São Paulo 2026 entre para a história. Se os leitores levarem para casa lembranças de boas experiências, encontros memoráveis e vivências incríveis, teremos cumprido nossa missão”, conclui.

Realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e organizada pela RX, a Bienal Internacional do Livro de São Paulo contará com mais de 269 expositores e terá a Espanha como País Convidado de Honra nesta edição.

A 28ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo reunirá centenas de autores brasileiros e internacionais, milhares de lançamentos editoriais, debates, sessões de autógrafos e atrações culturais para todas as idades, um dos mais importantes encontros do mercado editorial brasileiro.

Serviço Evento: Bienal Internacional do Livro de São Paulo/ De: 4 a 13 de setembro de 2026 / Distrito Anhembi – São Paulo / Ingressos: disponíveis pela plataforma Fever: <https://feverup.com/m/660975>

Confira a programação completa da Arena Cultural no site da Bienal Internacional do Livro de São Paulo. <https://www.bienaldolivrosp.com.br/>

QUADRINHOS GANHAM ESPAÇO NA BIENAL DO LIVRO DE SÃO PAULO

Com produção coordenada por Ivan Costa, cofundador da CCXP, espaço inédito reunirá artistas de diferentes gerações, como Laerte, Rafael Coutinho, Fábio Yabu e Helena Cunha



Pela primeira vez em sua história, a Bienal Internacional do Livro de São Paulo contará com uma área dedicada exclusivamente aos quadrinistas. Batizada de Alameda dos Artistas by BIC, a novidade da edição de 2026 reunirá autores de histórias em quadrinhos de diferentes estilos e gerações, ampliando a presença da linguagem dentro do maior evento literário da América Latina, que espera receber mais de 700 mil visitantes e contará com 269 expositores. O espaço terá coordenação de produção de Ivan Costa @ivan_costa, cofundador da CCXP, e reforça o protagonismo conquistado pelos quadrinhos no mercado editorial brasileiro nos últimos anos.

Para Sevani Matos @sevani68, presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), a estreia do espaço reflete o amadurecimento do mercado e o compromisso da Bienal em abraçar a pluralidade da literatura nacional. “A Bienal do Livro sempre foi o reflexo da diversidade literária do nosso país, e os quadrinhos são hoje um dos pilares mais vibrantes

e criativos do nosso mercado editorial. Trazer a Alameda dos Artistas de forma inédita e estruturada para o evento é reconhecer a força cultural das HQs e o talento dos nossos artistas, além de consolidar essa arte como literatura de altíssima qualidade no coração da Bienal”, afirma.

Inspirada no tradicional conceito de Artists’ Alley, presente nos principais festivais internacionais de cultura pop e quadrinhos, a Alameda dos Artistas foi concebida para aproximar leitores e criadores, permitindo o contato direto entre o público e os autores responsáveis por algumas das principais produções nacionais do gênero. “A Alameda dos Artistas traz para a Bienal do Livro a pujante produção autoral de histórias em quadrinhos do Brasil. É uma oportunidade de ampliar o escopo do evento e oferecer ao público contato direto com esses autores, desde artistas já conhecidos até novos criadores”, afirma Ivan Costa.

Além da comercialização de histórias em quadrinhos, pôsteres e produtos exclusivos, o espaço reunirá obras de diferentes gêneros e temáticas, incluindo personagens já conhecidos do público e produções independentes. A proposta é oferecer uma experiência complementar à programação tradicional da Bienal, incorporando um segmento que há décadas desempenha papel importante na formação de leitores. “Há gerações, os quadrinhos são uma porta de entrada para o mundo da leitura para muitos brasileiros, e continuam sendo. Trazer essa produção e seus autores para a Bienal é reconhecer essa importância e, ao mesmo tempo, aproximar o público da diversidade e da qualidade dos quadrinhos brasileiros”, destaca o coordenador.

A diversidade estética e de gerações será um dos pilares do espaço. Entre os nomes de destaque confirmados para a edição de estreia estão artistas consagrados e novos talentos da HQ nacional, como Laerte, Rafael Coutinho, Fábio Yabu e Helena Cunha. Os visitantes encontrarão trabalhos produzidos por meio de diferentes técnicas, do desenho digital a métodos tradicionais, como aquarela e nanquim, refletindo a pluralidade criativa que caracteriza a produção contemporânea de HQs no Brasil.

Outro diferencial será a possibilidade de acompanhar o processo criativo dos artistas. Ao longo do evento, o público poderá assistir à produção de ilustrações ao vivo, tanto nas mesas dos autores quanto em atividades coletivas programadas para o espaço. “Nosso objetivo é ampliar o repertório do público, apresentando a riqueza da produção brasileira de histórias em quadrinhos e promovendo o contato direto com seus autores. Queremos que os visitantes descubram novas histórias, estilos e artistas durante a passagem pela Bienal”, conclui Costa.

Com a estreia da Alameda dos Artistas, a Bienal Internacional do Livro de São Paulo amplia seu diálogo com diferentes formas de narrativa e reforça uma transformação observada no próprio mercado editorial, onde os quadrinhos vêm conquistando cada vez mais espaço nos catálogos das grandes editoras e nas listas de mais vendidos e nos hábitos de leitura dos brasileiros.

Sobre Ivan Costa

Ivan Freitas da Costa é uma das principais referências do mercado de histórias em quadrinhos no Brasil, com atuação consolidada e conexões internacionais no setor. Cofundador da CCXP – Comic Con Experience, o maior evento de cultura pop do mundo, lidera a curadoria de quadrinhos nas edições da CCXP Brasil, México e Coreia do Sul, a seleção de artistas do Artists’

Valley (considerado o coração do evento) e o relacionamento com talentos, editoras e agentes do Brasil e do exterior.

Antes de dedicar-se integralmente ao setor, construiu carreira como executivo de marketing, mantendo atuação ativa na cena cultural, incluindo a organização do FIQ, Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte. Sua coleção de arte deu origem a exposições premiadas com quatro troféus HQMIX.

Também é cofundador da Chiaroscuro Studios, agência de ilustração que conecta mais de 1.000 artistas a grandes empresas globais e representa autores na comercialização de artes originais para colecionadores em diversos países. Como curador, assina exposições de destaque como Quadrinhos no MIS, Batman Experience e Heróis DC. Atua ainda como palestrante em cultura pop, quadrinhos e economia criativa. Em 2026, integra a equipe de coordenadores da programação da Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

Realizada no Distrito Anhembi, a 28ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo reunirá 269 expositores, centenas de autores brasileiros e internacionais, milhares de lançamentos editoriais, debates, sessões de autógrafos e atrações culturais para todas as idades, consolidando a Bienal como o maior evento literário da América Latina voltado ao público e um dos mais importantes encontros do mercado editorial brasileiro.

Para esta edição, já estão confirmados como patrocinadores Bic, Claro, Colgate, Faber-Castell, Mercado Livre, Skeelo, Sura, Pólen um produto Suzano, Chambril uma marca Sylvamo e TecHub.

Serviço Bienal Internacional do Livro de São Paulo / Data: 4 a 13 de setembro de 2026 / Local: Distrito Anhembi – São Paulo / Público estimado: mais de 700 mil visitantes / Expositores: 269 / Ingressos: disponíveis pela plataforma Fever: <https://feverup.com/m/660975> / Para mais informações: Bienal do Livro <https://www.bienaldolivrosp.com.br/>

EXPOSIÇÃO DE WAGNER CELESTINO TRAZ DÉCADAS DE REGISTRO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E DO SAMBA DE SÃO PAULO

“Constelação Celestina” reúne 90 obras com imagens em preto e branco sobre a velha guarda das escolas de samba paulistanas, a ala das baianas e manifestações da cultura afro-brasileira;



Dona Philomena. Flor da Zona Sul, 2003. Foto: Wagner Celestino

O Sesc Bauru [@sescspbauru](#) apresenta a exposição Constelação Celestina do fotógrafo Wagner Celestino [@wagnercelestino_fotos](#), com visitação aberta ao público até 31 de janeiro de 2027. São 90 fotografias em preto e branco, 12 estandartes têxteis suspensos no espaço e uma vitrine com sete objetos, entre máquinas fotográficas e lentes que o artista usou ao longo da carreira. A mostra já passou pelo Sesc 14 Bis, onde inaugurou a unidade no bairro do Bixiga, e pelo Sesc Itaquera, sendo vista até aqui por mais de 117 mil pessoas. A versão de Bauru apresenta uma configuração expositiva inédita.

A chegada à cidade tem uma dimensão pessoal que distingue esta edição das anteriores: Wagner Celestino, fotógrafo formado na Zona Leste de São Paulo, mora hoje em Bauru. Para o curador Claudinei Roberto, que acompanha o projeto desde a estreia e assina a curadoria das três versões, esse dado reposiciona o sentido da mostra. Cada itinerância foi pensada em diálogo com o território que a recebe: no Sesc 14 Bis, as imagens conversavam diretamente com o entorno do Bixiga; no Sesc Itaquera, foram incorporados registros ligados à Zona Leste. Em Bauru, o elo é o próprio fotógrafo.

O trabalho de Wagner Celestino é construído sobre décadas de imersão nas escolas de samba paulistanas. A maior parte das fotografias foi produzida a partir de 2003, quando o artista começou a documentar de forma sistemática

a velha guarda, a ala das baianas e as festas de São Benedito.

Entre as agremiações registradas estão Vai-Vai, Nenê de Vila Matilde e Unidos do Peruche, referências do carnaval tradicional de São Paulo. O conjunto de imagens que forma o núcleo central da exposição - definido pelo curador como o núcleo duro da mostra - inclui também fotografias de cortiços e registros da cultura afro-brasileira em contextos que vão além do carnaval. Todas as fotografias são em preto e branco.

A ausência de cor é parte da linguagem documental e poética que define o trabalho de Wagner Celestino, e a expografia de Claudinei Roberto da Silva leva esse princípio ao espaço. O ambiente expositivo é organizado em uma gradação visual que vai do branco ao preto, criando uma continuidade entre as imagens e a arquitetura da galeria.

A versão de Bauru introduz um elemento que não existiu nas montagens anteriores. Os grandes vidros do espaço expositivo serão ocupados por aproximadamente 47 painéis adesivados: uma fotografia, expandida e fragmentada pela fachada, transforma a entrada do espaço em uma instalação panorâmica integrada à arquitetura do Sesc Bauru. O efeito é o de uma obra inédita, visível de fora, antes mesmo de entrar na exposição.

A programação educativa foi desenvolvida para ampliar as leituras possíveis da exposição. A



Menina na janela. Série Cortiços, 1997. Foto: Wagner Celestino

equipe do Sesc Bauru conta com educadores à frente de mediações escolares, formação de professores, visitas educativas com ênfase na valorização da arte afro-brasileira e nas relações entre samba e memória coletiva. O combate ao racismo também orienta ações presentes na obra do artista.

O catálogo da exposição será distribuído durante a visitação.

Sobre Wagner Celestino

Wagner Celestino é fotógrafo nascido e criado na Zona Leste de São Paulo. Há mais de duas décadas documenta a cultura afro-brasileira, as escolas de samba paulistanas e as comunidades que as sustentam. Mora atualmente em Bauru.

Serviço Exposição Constelação Celestina Visitação: Até 31/01/27 Terça a sexta, 8h às 11h (somente para grupos agendados) e 13h às 21h30. Sábados, domingos e feriados, 10h às 18h30. Agendamento prévio de grupos pelo e-mail: agendamento.bauru@sescsp.org.br **Sesc Bauru** – Avenida Aureliano Cardia, 6-71.

Sobre o Sesc

O Serviço Social do Comércio é uma entidade privada com finalidade pública, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do setor de comércio de bens, serviços e turismo, e que tem como missão contribuir para a qualidade de vida dos trabalhadores dessas categorias, seus dependentes e da sociedade em geral.

No estado de São Paulo, o Sesc

conta com uma rede de 44 unidades, incluindo centros culturais e esportivos, bem como unidades especializadas. Oferece programações em diversas linguagens artísticas, atividades físico-esportivas e de turismo social, programas de saúde, educação para sustentabilidade, para a diversidade e para acessibilidade, alimentação, programas especiais para crianças, jovens e pessoas idosas, além do Sesc Mesa Brasil – programa institucional de combate à fome e ao desperdício de alimentos.

O Sesc desenvolve, assim, uma ação de educação não formal permanente com o intuito de valorizar as pessoas ao estimular a autonomia, a convivência e o contato com expressões e modos diversos de pensar, agir e sentir.



Baiana 1, Série Carnaval, 1979. Foto: Wagner Celestino

CANTORA LÍRICA BRASILEIRA LORENA PIRES PARTICIPA DA 25ª LAVAGEM DE MADELEINE EM PARIS



Artista, residente da Academia da Ópera Nacional de Paris, integra programação que celebra a cultura brasileira

A cantora lírica brasileira Lorena Pires [@itslorenapires](https://www.instagram.com/itslorenapires) (foto abaixo), considerada um dos novos destaques da cena lírica nacional, será uma das participantes da 25ª Lavagem de Madeleine, em Paris. Artista residente da Academia da Ópera Nacional de Paris desde 2025, Lorena integra a programação do evento, que neste ano terá Mariene de Castro liderando o trio elétrico e homenageando o samba. O festival acontece entre os dias 10 e 13 de setembro e reunirá diversos artistas, entre percussionistas, cantores e bailarinos, em uma grande celebração da cultura brasileira na capital francesa.



A participação de Lorena ganha destaque justamente pelo encontro entre a música lírica e as manifestações populares que dão identidade à Lavagem de Madeleine. Em meio a baianas, percussionistas, bailarinos e artistas da música brasileira, a soprano leva à celebração uma trajetória construída entre o Brasil e a França, onde atualmente aprimora sua carreira na Academia da Ópera Nacional de Paris.

Considerada um dos novos destaques da cena lírica brasileira, Lorena já foi descrita pela Rádio MEC como uma das “novas destaques da cena lírica brasileira” e elogiada pela revista francesa Olyrix por sua “voz redonda e homogênea” e “entrega vigorosa e vocalidade flexível”. Em 2026, realizou sua estreia operística na França como Arminda, em *La finta giardiniera*, de Mozart.

“Estou muito feliz em poder cantar na Lavagem da Madeleine, essa celebração tão bonita da cultura afro-brasileira em Paris, da comunidade de axé. No ano passado, participei no meio do público, cur-

tindo a festa com o Olodum. Agora, volto como artista convidada para cantar a Ave Maria. É lindo poder levar minha voz a diferentes contextos para além da ópera, que tanto amo. Estou muito empolgada para compartilhar esse momento com a comunidade brasileira em Paris. Agradeço imensamente ao Robertinho, pelo carinho e pelo convite. Vai ser uma celebração linda”, afirmou Lorena.

Para Roberto Chaves, o Robertinho, o multiartista idealizador da Lavagem de Madeleine, a participação de Lorena representa a diversidade de expressões que o evento busca apresentar ao público internacional.

“A Lavagem nasceu para mostrar a riqueza e a diversidade da cultura brasileira. Ter a Lorena, uma cantora lírica brasileira que está construindo sua trajetória aqui em Paris, participando dessa celebração é muito simbólico. Ela representa uma outra face da nossa música e mostra que a cultura brasileira não tem uma única linguagem. Ela pode estar no samba, na percussão, na dança, nas tradições populares e

também na ópera. É essa diversidade que queremos levar para o público francês”, conta.

Inspirada na tradicional Lavagem do Bonfim, em Salvador, a Lavagem de Madeleine foi criada em 2002 e se tornou uma das principais celebrações da cultura afro-brasileira na Europa. Integrante do calendário oficial da Prefeitura de Paris, o evento reúne anualmente milhares de pessoas em uma programação que combina música, dança, gastronomia, capoeira, religiosidade e manifestações populares.

O ponto alto da celebração acontece no dia 13 de setembro, durante o tradicional desfile pelas ruas de Paris, quando Mariene de Castro puxará o trio elétrico. A cantora será acompanhada por centenas de artistas, em um cortejo que terá o samba como tema central desta 25ª edição. A presença da cantora lírica ao lado de artistas da música popular, da percussão e da dança reforça o caráter multicultural do evento e cria uma ponte entre diferentes linguagens artísticas brasileiras em território francês.

A 25ª Lavagem de Madeleine acontece de 10 a 13 de setembro, em Paris, com programação que reúne mais de 700 artistas e celebra o samba, a ancestralidade e a diversidade da cultura brasileira.

Mais informações sobre a edição em: <https://lavagedelamadeleine.com/>

Sobre Lorena Pires - Considerada um dos “novos destaques da cena lírica brasileira” (Rádio MEC) e elogiada pela crítica francesa por

sua “voz redonda e homogênea” e “fervorosa entrega e vocalidade flexível” (Olyrix), Lorena Pires é artista residente de l’Académie de l’Opéra national de Paris desde setembro de 2025. Em 2026, realizou sua estreia operística na França como Arminda, em La finit giardiniera (Mozart). No Brasil, destacou-se como Lauretta em Gianni Schicchi (Puccini), no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e Anna em Nabucco (Verdi), no Teatro Municipal de São Paulo, além

de interpretar Arbace em Catone in Utica (Vivaldi) e Zweite Dame em Die Zauberflöte (Mozart). Foi solista da Petite Messe Solennelle (Rossini) no Palácio das Artes e realizou sua estreia internacional no Uruguai interpretando obras de Villa-Lobos com a Camerata Antiqua de Curitiba. Entre seus próximos compromissos, está a estreia mundial de Conceição Evaristo: Uma Ópera Escrivência, de Juliana Ripke, sobre texto de Conceição Evaristo, na qual interpretará

a escritora brasileira, no Theatro São Pedro, em São Paulo.

Sobre a Lavagem de Madeleine A Lavagem de Madeleine é um cortejo que reúne brasileiros e franceses, saindo da Praça da República e seguindo até a Igreja de Madeleine, onde são lavadas as escadarias da igreja. Inspirada na Lavagem do Bonfim de Salvador, a festa foi idealizada pelo multiartista Roberto Chaves, o Robertinho, e atrai artistas brasileiros e internacionais

MARCELO LOBATO LANÇA “PRODUTO DO GRITO”, REFLETINDO SOBRE A ORIGEM COMUM DA HUMANIDADE EM TEMPOS DE DIVISÃO

Nova composição transforma o nascimento em metáfora para discutir pertencimento, conflitos e a possibilidade de reconstruir os laços humanos

Depois de explorar o cotidiano urbano em “Intervalo Entre Carros” e refletir sobre a condição humana em “Gênero Humano”, Marcelo Lobato apresenta seu novo single, “Produto do Grito”. Com arranjo de Marcelo Lobato e composição de Marcos Lobato, a faixa amplia o universo filosófico presente em seus trabalhos recentes ao transformar o nascimento em uma metáfora para discutir a origem comum da humanidade, os conflitos da vida em sociedade e a possibilidade de reconciliação entre as pessoas. Ouça nas plataformas digitais.

A canção parte de uma imagem primordial: o primeiro grito de quem acaba de chegar ao mundo. Para Marcos Lobato, esse instante sintetiza uma experiência compartilhada por todos os seres humanos, independentemente de suas diferenças. “Estamos todos no mesmo sopro, no mesmo barco e saímos, supostamente, do mesmo ninho. Somos projeção desse mesmo ninho, ou seja o útero”, explica o compositor.

Ao longo da letra, esse nascimento deixa de representar apenas o início da vida para se tornar também uma ruptura. “Gritamos em desespero porque fomos cuspidos e projetados em um mundo caótico, inaudito, novo e imprevisível,



cada um com suas características, habilidades e deficiências”, comenta Marcos. A imagem traduz o momento em que todos são obrigados a abandonar a proteção do ventre para enfrentar a realidade, marcada por incertezas, disputas e desigualdades.

A reflexão, no entanto, não se limita ao conflito. A música propõe um olhar para aquilo que ainda une as pessoas. “Fomos todos obrigados a desapegar do calor do ventre e lançados ao frio, ao calor e ao vento. Apesar disso, podemos ser o fim da discórdia. Podemos superar nossas diferenças”, afirma Marcos.

Essa tensão entre individualidade e coletividade atravessa toda a composição. Para Marcos, embora a humanidade tenha sido moldada para viver em comunidade, a realidade revela um movimento oposto. “Deveríamos formar juntos uma sociedade gregária e colaborativa, mas seguimos disputando comida, terra e posição de destaque.” A canção encerra essa reflexão retomando a ideia do sopro como símbolo da própria existência: “Somos todos o sopro, a possibilidade de vida.”

Musicalmente, “Produto do Grito” reafirma a identidade construída por Marcelo Lobato em sua trajetória solo, marcada pela combinação de



diferentes timbres, experimentação e uma escrita que aproxima poesia, crítica social e observação do comportamento humano. Produzida no Estúdio Jimo, a faixa reforça um caminho artístico que privilegia composições abertas a múltiplas interpretações, nas quais música e palavra caminham juntas na construção de imagens e significados.

Ficha técnica: Produção: Marcelo Lobato e Zé Nóbrega / Todos instrumentos por Marcelo Lobato com adição de guitarras de Zé Nóbrega / Gravado e produzido no Estúdio Jimo / Masterização: Matheus Gomes / Composição: Marcos Lobato / Capa: foto de Marcelo Lobato com arte de Sérgio Alves

Sobre Marcelo Lobato Marcelo Lobato é músico, compositor e produtor, conhecido por sua trajetória marcante

como tecladista, baterista e vocalista d’O Rappa. Atualmente, Marcelo é fundador da banda Afrika Gumbé e se dedica ao seu projeto solo, explorando novas possibilidades sonoras e transitando entre diferentes influências com uma abordagem experimental. Seu último EP, Carregador de Piano, mostrou um olhar autoral e intimista, evidenciando sua versatilidade. Em seu projeto solo Marcelo reafirma sua identidade musical e sua capacidade de transformar reflexões profundas em experiências sonoras envolventes.

@marcelobatorappa
<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/3GbD10Al1rlzB7v3h3MKiC?si=cXbmgZaRTTW6KtfqHvy3bQ&nd=1&dlsi=96a0c42f0bc4301>

DOS BRASIS, MAIOR EXPOSIÇÃO DE ARTE NEGRA DO PAÍS, CHEGA AO SESC FRANCA COM RECORTE INÉDITO

Mostra dedicada à produção de artistas negros apresenta cerca de 85 obras, entre elas peças do Acervo Sesc de Arte, em diálogo com a história e o movimento negro de Franca;



Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro, por Bruna Damasceno

Uma das mais importantes iniciativas recentes das artes visuais brasileiras chega ao interior paulista. Desde 28 de agosto de 2026 a 31 de janeiro de 2027, o Sesc Franca recebe **Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro**, a mais abrangente exposição dedicada exclusivamente à produção de artistas negros. A mostra propõe uma revisão da história da arte brasileira a partir de criadores, intelectuais, comunidades e experiências que, apesar de fundamentais para a formação cultural do Brasil, permaneceram à margem das narrativas oficiais e dos espaços de reconhecimento.

Com cerca de 90 obras, o recorte apresentado no Sesc Franca reúne artistas de diferentes gerações e regiões do país. Pinturas, fotografias, esculturas, instalações, objetos, trabalhos têxteis, documentos e produções audiovisuais evidenciam a pluralidade da arte negra brasileira atravessada por memórias, espiritualidade e experiências sociais. Para ampliar o diálogo proposto na exposição, a programação de abertura conta com a apresentação da Velha Guarda da Mangueira, que celebra 70 anos de trajetória em um repertório dedicado às matrizes do samba carioca.

Com curadoria geral de Igor Si-

mões e curadoria adjunta de Lorraine Mendes e Marcelo Campos, a montagem preserva a integridade conceitual do projeto apresentado anteriormente no Sesc Belenzinho, em São Paulo, e no Centro Cultural Sesc Quitandinha, em Petrópolis, mas assume características próprias em Franca. O novo recorte estabelece relações com o espaço expositivo e com a história cultural do município. Para esta edição, sete obras do Acervo Sesc de Arte passam a integrar a mostra, com trabalhos de No Martins, Eustáquio Neves, Isa do Rosário, Lidia Lisbôa, Jorge dos Anjos e Miguel Penha Chiquitano.

Confira a relação de 76 artistas e coletivos que participam da mostra:

Abdias Nascimento (SP), Afonso Pimenta - Retratistas do Morro (MG), Alexandre Alexandrino (SP), Aline Motta (RJ) e Dona Romana (TO), Ana das Carrancas (PE), André Vargas (RJ), Angela Lima (PE), Annia Rízia (BA), CALXDR e Diego Crux (SP), Charlene Bicalho (MG), Claudia Lara (PR), Daniel Lima (RN), Davi Cavalcante e Rayanne Ellem (SE), Debis e Pablo Monteiro (MA), Denis Moreira (SP), Denise Camargo (SP), Emanuel Araújo (BA), Emanuel Luz (MA), Francelino Mesquita (PA), Gabriel Archanjo Santo (PI), Glaucete Santos (PA), Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira (RJ), Gugie Cavalcanti (DF),

Guto Oca (SP), Helton Vaccari (MS), Isa do Rosário (SP), Joyce Nabiça (PA), Keila Sankofa (AM), Larissa Vieira (SE), Li Vasc (PB), Lucélia Maciel (BA), Luciano Feijão (ES), Lucimélia Romão (SP), Marcela Bonfim (SP) e Dani Guirra (MT), Marcos Dutra (TO), Marcus Deusdedit (MG), Maria Macêdo (CE), Mariana Rocha (RJ), Mauricio Igor (PA), Mika (PI), Napê Rocha (ES), Noemisa Batista dos Santos (MG), Odaraya Mello (RJ), Pablo Figueiredo (MA), Paula Duarte (MG), Priscila Rezende (MG). Quilombo do Campinho - Adilsa Conceição Martins (RJ), Quilombo do Campinho - Ismael Alves Conceição (RJ), Quilombo do Campinho - Nelba Brasilícia (RJ), Quilombo Pedra D'Água: Rendas de Ofício - Marlene Leopoldina Vital (PB), Quilombo Pedra D'Água: Labirinteiros - Dona Maria Marta, Maria de Lourdes Ferreira dos Santos, Severina Francisca da Silva Pereira, Lidiane Saturnino da Silva, Maria Helena Duarte de Lemos (PB), Rafael Bqueer (PA), Rafael da Luz (PA), Renata Felinto (SP) e Shambuwi Wetu, Roger Cipó e Carlos de Assumpção (SP), Sérgio Adriano H (SC), Seu Valentim Conceição (RJ), Sheyla Ayo (SP), Silvana Rodrigues (RS), Sunshine Castro (MA), Thiago Costa (PB) e Folgado dos Caretas de Triunfo (PE), Ueliton Santana (AC), Ulisses Arthur (AL), Ulisses Mendes (MG), Vera Ifaseyí (RJ), Waleff Dias (AP), Yhuri Cruz (RJ).

Franca como território de criação, memória e resistência

A edição estabelece uma relação direta com três personalidades negras de forte vínculo com Franca: Abdias Nascimento, Isa do Rosário e Carlos de Assumpção. Suas trajetórias aproximam a dimensão nacional da exposição da história cultural e política da cidade.

Abdias Nascimento nasceu em Franca, em 14 de março de 1914. Artista plástico, escritor, dramaturgo, professor, político e ativista, fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN) e dedicou sua vida ao combate ao racismo e à defesa do pensamento pan-africanista. A cidade constitui, portanto, o ponto de origem de uma trajetória que transformou o teatro, as artes, a política e o debate racial no Brasil. Abdias também é patrono da Casa da Cultura e do Artista Francano, equipamento municipal.

A própria história do Sesc Franca mantém forte ligação com esse legado. A unidade iniciou suas atividades, em novembro de 2024, com a exposição *O Quilombismo* - Documentos de uma Militância Pan-africanista, dedicada à vida, à obra e ao pensamento de Abdias.

Nascida em Batatais, Isa do Rosário construiu uma relação profunda com Franca a partir do contato com o movimento negro local e de sua atuação em iniciativas de arte, educação e preservação da cultura afro-brasileira. Durante a pandemia de Covid-19, estabeleceu residência definitiva na cidade. Bordadeira, artista visual, poeta, contadora de histórias e guardiã de saberes ancestrais, transforma tecidos, fios, memórias e referências aos orixás em obras que abordam diáspora, espiritualidade, cura e resistência. Sua trajetória inclui a representação do Brasil na 12ª Bienal de Liverpool, na Inglaterra, exposições no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio) e a individual *Como a Terra Respira*, apresentada no Museu Afro Brasil, em São Paulo.

Carlos de Assumpção, nascido em Tietê em 1927, escolheu Franca como lugar de vida, atuação profissional e criação literária. Advogado na comarca e membro da

Academia Francana de Letras, tornou-se uma referência da poesia afro-brasileira. Seu poema Protesto, escrito em 1958, converteu-se em marco da literatura negra por sua denúncia direta do racismo e por sua defesa da liberdade e da dignidade.

Sete núcleos para rever a história e imaginar outros futuros

A exposição organiza-se em sete núcleos curatoriais, que funcionam como campos de reflexão. Cada núcleo reúne obras de histórias, linguagens e territórios distintos e propõe conexões entre experiência estética, pensamento crítico, memória, política e vida cotidiana.

A necessidade de questionar as estruturas que definiram o que deveria ou não ser reconhecido como arte brasileira norteia o núcleo Romper. As obras confrontam o cânone formado sob a perspectiva da branquitude e evidenciam artistas negros que sempre participaram da criação artística do país, embora muitos tenham sofrido apagamento, enquadramento em categorias menores ou exclusão dos livros, museus e coleções. As obras também expandem os limites tradicionais entre arte erudita, popular, comunitária e contemporânea.

Branco Tema inverte uma posição histórica em objetos de observação, classificação e representação por artistas e pesquisadores brancos. Nesse núcleo, artistas negros assumem o lugar de autores do olhar e fazem da branquitude, de seus privilégios e de suas formas de poder, um tema de análise. A mudança de perspectiva revela que nenhum olhar é neutro e que toda imagem participa de disputas políticas e sociais.

O núcleo Negro Vida apresenta corpos, afetos, cotidianos, festas, intimidades, desejos e modos de existência que não se limitam às imagens de violência e sofrimento. As obras revelam a multiplicidade de escolhas estéticas e materiais da produção negra contemporânea, com espaço para abstração, figuração, experimentação formal, memória familiar e invenção de novas identidades.

Amefricanas tem como referência o conceito de amefricanidade formulado por Lélia Gonzalez. O núcleo reconhece o protagonismo das mulheres negras na construção cultural, política e social das



Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro, por Matheus José Maria

Américas. As obras abordam maternidade, trabalho, espiritualidade, sexualidade, cuidado, liderança e resistência. Em vez de tratar essas mulheres apenas como vítimas de estruturas racistas e patriarcais, o conjunto destaca sua capacidade de criar redes, preservar saberes e sustentar comunidades.

Formas coletivas de existência e ação política são apresentadas em Organização Já. Quilombos, associações, irmandades, escolas de samba, movimentos sociais, grupos culturais e práticas comunitárias aparecem como espaços de proteção, criação e construção de autonomia. O núcleo mostra que a organização negra não se restringe à reação contra a violência: ela também produz conhecimento, sociabilidade, celebração, educação e novas possibilidades de futuro.

Legítima Defesa parte da afirmação atribuída a Luiz Gama de que a pessoa escravizada que mata seu senhor age em legítima defesa. O núcleo amplia essa ideia para refletir sobre diferentes respostas às estruturas de violência, exploração e exclusão. Raiva, denúncia, ironia, confronto, proteção do corpo e recuperação da dignidade aparecem como forças políticas e poéticas. As obras demonstram que a resistência pode assumir muitas formas, da ação coletiva ao gesto artístico.

Baobá, único núcleo cujo nome deriva de uma obra criada por Emanuel Araújo, aborda ancestralidade, espiritualidade, memória e transmissão de saberes. Assim como a árvore que atravessa ge-

rações e guarda histórias, o núcleo relaciona passado, presente e futuro. O conjunto reúne referências a religiões de matriz africana, oralidade, cosmologias, conhecimentos comunitários e vínculos entre pessoas vivas, antepassados e descendentes. A ancestralidade aparece não como retorno idealizado ao passado, mas como fonte de orientação e criação contemporânea.

Educação e acessibilidade

Sob a coordenação de Andrea Mendes, o Programa Educativo promoverá mediações de visita para diferentes públicos, além de atender o agendamento de grupos e desenvolver uma programação socioeducativa integrada à mostra. A formação da equipe contará ainda com a participação de Janaína Machado, primeira coordenadora do educativo de Dos Brasis no Sesc Belenzinho, responsável pela elaboração de um material que estabelece relações entre a exposição e as obras de artistas negros presentes no Acervo Sesc de Arte.

A exposição contará com vídeos em Libras, audiodescrição, paisagem sonora, legendas em braile, pictogramas, conteúdos acessíveis por QR Codes e uma obra tátil produzidos pela Alíngua. Esses recursos permitirão diferentes formas de aproximação e fruição.

Um projeto construído em escala nacional

Dos Brasis é resultado de uma iniciativa do Departamento Nacional do Sesc, realizada de forma colaborativa com os Departamentos Regionais e profissionais da Rede Sesc de Artes Visuais. Sua origem

remonta a 2018, com a criação do eixo **Afrobrasilidades: narrativas, memória e resistência**, que impulsionou pesquisas, formações e debates sobre a produção artística negra e o racismo estrutural no sistema das artes.

Entre 2018 e 2023, o processo envolveu profissionais do Sesc de todos os estados e atividades presenciais em pelo menos 40 cidades de 14 unidades federativas. A investigação alcançou capitais, cidades do interior, ateliês, coleções, comunidades quilombolas e outros espaços de criação e preservação de saberes.

A primeira montagem de Dos Brasis foi inaugurada em agosto de 2023, no Sesc Belenzinho, em São Paulo, onde recebeu mais de 140 mil visitantes. Em 2024, a exposição seguiu para o Centro Cultural Sesc Quitandinha, em Petrópolis, com 384 obras de 241 artistas. A chegada a Franca dá continuidade a uma ação de circulação concebida para percorrer diferentes unidades do Sesc no país, com adaptações a cada território, mas sem perda de sua força crítica e poética.

SERVIÇO Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro / Curadoria-geral: Igor Simões / Curadoria-adjunta: Lorraine Mendes e Marcelo Campos / Período: de 29 de agosto de 2026 a 31 de janeiro de 2027 / Local: Sesc Franca - Av. Alonso Y Alonso, 3071 - Prolongamento Jardim Paulista / Entrada gratuita
Assessoria de imprensa do Programa de Artes Visuais do Sesc São Paulo: Agência Galo artesanais@sescsp@agenciagaloo.com

LOS VIBRANTES APRESENTA GRACIAS A LA VIDA OU OS ÚLTIMOS DIAS DE SOLIDÃO DE ROBINSON CRUSOÉ NO TEATRO CIA. DA REVISTA



Com texto de Jérôme Savary e direção de Kleber Montanheiro, o espetáculo revisita a história do naufrágio mais famoso da literatura mundial com influências do Kabarett alemão e do circo teatro

Criado pelo encontro de ex-alunos da Escola Superior de Artes Célia Helena, o grupo Los Vibrantes [@losvibrantes](#) reestrea o espetáculo *Gracias a La Vida ou Os últimos dias de solidão de Robinson Crusoe* no Teatro Cia. da Revista [@ciadarevista](#) dos dias 9 a 26 de setembro, e de 16 de outubro a 1º de novembro.

Com texto de Jérôme Sa-

vary e direção e adaptação de Kleber Montanheiro, o espetáculo acompanha Robinson Crusoe, famoso personagem do romance de Daniel Defoe, aos 112 anos, revisitando sua história entre memória e delírio após o naufrágio que o levou à solidão.

Para contar essa história, o grupo explora influências do Kabarett alemão e do circo-teatro, e investiga a liberdade como um grito solitário. O diferencial do espetáculo está na criação de personas autorais pelos próprios atores, que transitam entre realidade e ficção

em uma encenação marcada pelo humor, pelo excesso e pela energia coletiva, criando um verdadeiro delírio cênico

A montagem tem como ponto de partida pesquisas em palhaçaria, Commedia dell'Arte e circo-teatro para a criação de personas autorais de cada integrante do elenco, que atuam como elo entre o mundo real e o universo narrativo, articulando elementos da cultura popular brasileira.

Em cena, estão Amanda Calove, Beatriz Ramos, Carlo Aloise, Davi Lopes, Eduardo Montoro, Elaine

Oliveira, Isadora Avruch, Julianne Hamaoka, Luiza Caillaux, Mariana Zitto, Marie Gassen e Manoela Souza.

Sobre o Instituto Brasileiro de Teatro (IBT)

O IBT nasceu em 2022 com o objetivo de democratização das artes cênicas, seja na realização e produção de eventos que apostam na diversidade, bem como visando a formação de novas plateias por meio de espetáculos gratuitos ou de preços altamente populares. O Instituto privado sem fins lucrativos apresenta uma série de ações voltada à classe teatral propondo uma go-





vernança, que acelera a profissionalização de grupos e artistas, atuando desde a capacitação até no auxílio de realização de espetáculos, incluindo captação de investimentos do setor privado. Além disso, o IBT também é realizador de alguns grandes espetáculos, garantindo acesso universal por meio de ingressos gratuitos ou a preços acessíveis.

Sobre a C. A. Produções Artísticas

Fundada por Carlo Aloise, ator e diretor teatral de 24 anos formado pela Escola Superior de Artes Célia Helena, a C. A. Produções Artísticas atua na realização e produção de projetos culturais voltados às artes cênicas. Com foco na valorização de jovens artistas e estudantes, a produtora busca incentivar a inserção de novos profissionais no cenário teatral da capital paulista por meio de espetáculos e ações culturais comprometidas com diversidade, inovação e acessibilidade. A C. A. é realizadora do espetáculo "Gracias a La Vida ou Os

Últimos Dias de Solidão de Robinson Crusoe", e prepara para o fim de 2026 a estreia de seu primeiro projeto autoral, "Bailado Torto", na capital paulista.

Sobre o Los Vibrantes

O grupo Los Vibrantes é formado por ex-alunos e ex-alunas da Escola Superior de Artes Célia Helena e foi criado em 2026. Seu eixo de pesquisa abrange linguagens como o circo-teatro, o teatro físico, a música e a performance. O objetivo do grupo é fortalecer o reconhecimento do teatro brasileiro como uma expressão latino-americana, promovendo o diálogo e a integração entre as diversas culturas do continente.

Tendo passado pelas mãos de importantes profissionais das artes cênicas, como Luah Guimarães, Bete Dorgam, Joana Dória, Nando Nitsch e André Garolli, o grupo dá continuidade à sua pesquisa artística ao lado de Kleber Montanheiro em sua primeira montagem profissional.

Nesta temporada, os Los



Vibrantes contam com o apoio do Instituto Brasileiro de Teatro (iBT), da Escola Superior de Artes Célia Helena e da Casa Colmeia. Além disso, o grupo estabeleceu uma parceria institucional com a Fundación por la Memoria Santo Antônio, organização chilena dedicada à pesquisa da memória e da arte como formas de resistência aos processos de apagamento e repressão vividos pelo povo chileno.

Ficha Técnica Direção e Adaptação: Kleber Montanheiro / Texto: Jérôme Savary / Produção Executiva: Carlo Aloise / Coordenação de Produção: Mariana Zitto / Produção Artística: Amanda Calove e Luiza Caillaux / Provocação Cênica: Luisa Moretti / **Elenco:** Amanda Calove, Beatriz Ramos, Carlo Aloise, Davi Lopes, Eduardo Montoro, Elaine Oliveira, Isadora Avruch, Julianne Hamaoka, Luiza Caillaux, Mariana Zitto, Marie Gassen e Manoela Souza / Realização: C. A. Produções Artísticas, Los Vibrantes e Escola Superior de Artes Célia Helena / Apoio: Instituto Brasileiro de Teatro e Casa

Colméia

Sinopse - A trupe "O Grande Circo Mágico" está de volta da sua turnê triunfal pelo estrangeiro e apresenta a peça Gracias a La Vida. Livremente inspirado na cultura latina e na célebre Violeta Parra, o espetáculo acompanha o já centenário Robinson Crusoe enquanto revisita seu passado, relembrando o naufrágio que o deixou em profunda solidão. Com influências do Kabarett alemão e do circo-teatro, a peça trata de temas como a liberdade e a solidão a partir de uma abordagem satírica e irreverente, embalada por canções emblemáticas interpretadas pela banda da trupe, a aclamada Cosmic Blues Band.

SERVIÇO: Gracias a La Vida ou Os últimos dias de solidão de Robinson Crusoe, com Los Vibrantes / Temporada: 9 a 26 de setembro de 2026 / 16 de outubro a 1 de novembro / Quartas a sábados, às 20h / Domingos, às 18h / **Espaço Cia da Revista** - Alameda Nothmann, 1135 - Campos Elíseos, São Paulo - SP / Ingressos: R\$60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada). / Venda online em Symply / Classificação: 14 anos



CIA. DOS À DEUX ESTREIA ESPETÁCULO “CONFUZO (ESTÁ ESCURECENDO DENTRO DE MIM)” NO CCBB SÃO PAULO

Com texto e direção de André Curti e Artur Luanda Ribeiro, a peça reflete sobre o corpo que resiste e o desejo de pertencimento em um tempo em colapso total. Em cena, ator pedala em uma bicicleta que gera energia para abastecer a própria luz do espetáculo

Conhecida internacionalmente por seu trabalho de teatro gestual e visual, a Cia. Dos à Deux [@ciedosadeux](#) explora pela primeira vez a palavra em cena em *CONFUZO (está escurecendo dentro de mim)*, que estreou no Rio de Janeiro e agora tem sua estreia paulistana no CCBB São Paulo. O espetáculo fica em cartaz por lá de 10 de setembro a 18 de outubro, com sessões às quintas e sextas, às 19h, e aos sábados e domingos, às 18h.

Com direção, dramaturgia, cenografia e performance de André Curti e Artur Luanda Ribeiro, o texto inédito nasce do gesto e retorna a ele, não como explicação, mas como matéria poética, fricção e pensamento encarnado. A encenação articula teatro gestual, palavra, luz, som e artes visuais, criando uma experiência sensorial e simbólica em que o escurecimento não representa o fim, mas o início de outra forma de ver, de dizer e de existir.

Além disso, a tecnologia também se torna dramaturgia: em cena, Artur Luanda Ribeiro pedala em uma bicicleta que gera energia elétrica para abastecer a própria iluminação da peça. “O corpo funciona como usina, o cansaço transforma-se em matéria cênica. A



luz nunca é plena ou estável — é intermitente, precária, vulnerável. Uma luz que pode falhar a qualquer instante, como falha o fôlego, como falha a esperança. Ao tornar visível o custo físico da iluminação, o espetáculo explicita aquilo que normalmente permanece oculto: o esforço humano ne-

cessário para manter o mundo - e a si próprio - aceso”, define o criador.

Na trama, o Homem-Árvore insiste em lançar raízes sobre um solo que o rejeita. Sua existência desafia um mundo que decide quem pode ou não pertencer. Ao seu lado, o Homem-Luz pedala sem descan-

so uma bicicleta que produz a energia elétrica da própria cena. Cada volta mantém a luz acesa. Cada volta também o esgota. Enquanto ilumina o mundo, escurece por dentro. Sua luz torna-se, ao mesmo tempo, potência e desgaste, sobrevivência e sacrifício.

CONFUZO (está escure-



cendo dentro de mim) é uma fábula contemporânea sobre o corpo que resiste e sobre o desejo de pertencimento em um tempo de colapso social, ambiental e emocional.

Sobre a encenação

A imagem desse Homem-Árvore, uma planta deslocada do solo, torna-se o símbolo central do espetáculo. “Ela representa o humano contemporâneo — suspenso entre o desejo de enraizar-se e a impossibilidade de permanecer. É um corpo em exílio, que tenta sustentar o peso da memória sem perder o equilíbrio diante de um mundo em constante movimento. A árvore cresce onde não deve, e se torna o retrato da condição humana — bela, frágil, deslocada”, revela André Curti.

“Metaforicamente, para mim, carregar a árvore é carregar aquilo que insiste em crescer dentro da gente: memória, tempo, desejo, raízes, perdas. Em muitos momentos sinto o peso físico dela como o peso das próprias escolhas e das histórias que atravessamos sem perceber. É quase como transportar um mundo inteiro nas costas. No espetáculo, essa árvore leva o personagem à exclusão da sociedade, apontado como ‘o diferente’, o ‘não pertencente’ e, portanto, proibido de se enraizar, mesmo sendo dessa terra como todos os outros”, acrescenta.

É sobre a figura do Homem-luz, Artur Luanda Ribeiro comenta: “Existe algo profundamente pessoal no fato de a luz depender do meu próprio movimento, porque muitas vezes tenho a sensação de

que também sigo pedalando na vida para que certas luzes não se apaguem — dentro de mim, no trabalho, nos afetos, na criação. O corpo acaba revelando aquilo que as palavras nem sempre conseguem dizer: o desgaste, a insistência, a fragilidade e, ao mesmo tempo, a vontade de continuar. O Homem-Luz me atravessa justamente por isso. Ele transforma em imagem uma sensação que conheço intimamente: a de que parar às vezes parece impossível. E talvez a própria dramaturgia tenha nascido daí — desse lugar onde esforço, resistência e escuridão interior convivem o tempo todo”.

Já a música, assinada por Federico Puppi, também é trançada organicamente ao movimento, à palavra e à luz.

Sobre a Cia. Dos à Deux

Com 27 anos de trajetória, a Cia. Dos à Deux já se apresentou em mais de 50 países e mantém hoje sua sede no Rio de Janeiro, onde desenvolve também ações formativas e residências artísticas.

Fundada em Paris, em 1998, por André Curti e Artur Luanda Ribeiro, a Cia. nasceu de uma pesquisa inspirada na obra “Esperando Godot”, de Samuel Beckett. Descobertos no Festival de Avignon, os artistas conquistaram reconhecimento internacional apresentando suas criações mundo afora. Em 2015, após duas décadas na França, retornaram ao Brasil e criaram o Espaço Dos à Deux, na Glória, RJ — um casarão de 1846, restaurado pelos artistas e transformado em centro de criação, residência e formação artística.



Em 2026, a trajetória da companhia será celebrada com o lançamento de um documentário dirigido por Roberto Bomtempo, produzido pelo Canal Curta! e Matizar Filmes, revisitando o processo criativo e a estética interdisciplinar que consolidaram o grupo como uma das principais referências do teatro visual contemporâneo.

FICHA TÉCNICA: Texto, dramaturgia, cenografia, direção e performance: André Curti e Artur Luanda Ribeiro / Música Original e Sound design: Federico Puppi / Assistente de Produção: Pedro Gaudêncio Patrocínio: Banco do Brasil / Realização: Governo do Brasil e Centro Cultural Banco do Brasil / Produtor Executivo: Fernando Queiroz / Direção de produção: Silvio Batistela / Idealização e Coordenação Geral: Cia Dos à Deux

Sinopse

CONFUZO (está escurecendo dentro de mim)

Dois corpos atravessam um mundo em colapso — um mundo onde a diferença se transforma em fronteira, onde pertencer, para alguns, tornou-se proibido, onde existir pode ser julgado e onde até o direito de criar raízes precisa ser defendido.

Entre luz e escuridão, movimento e exaustão, surge o Homem-Árvore, que insiste em fincar raízes em um solo que o rejeita, e o Homem-Luz, que pedala sem parar para manter acesa uma existência ameaçada de apagamento. Juntos, atravessam um território instável, onde luz e sombra, matéria e imaginação, absurdo, sonho e realidade coexistem em permanente tensão.

SERVIÇO: CONFUZO (está escurecendo dentro de mim)

Temporada: 10 de setembro a 18 de outubro de 2026 Às quintas e sextas-feiras, às 19h; e aos sábados e domingos, às 18h Ingressos: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia-entrada) Vendas online em <https://ingressosccbb.com.br/cidades/sao-paulo-sp> Bilheteria: todos os dias, exceto às terças, das 9h às 20h. Capacidade: 120 lugares Duração: 65 minutos Gênero: Teatro Visual Classificação: 14 anos / **Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo** Rua Álvares Penteado, 112 — Centro Histórico — SP / Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças Telefone: (11) 4297-0600 Entrada acessível: Pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida e outras pessoas que necessitem da rampa de acesso podem utilizar a porta lateral localizada à esquerda da entrada principal.

bb.com.br/cultura
[instagram.com/ccbbbsp](https://www.instagram.com/ccbbbsp) |
[facebook.com/ccbbbsp](https://www.facebook.com/ccbbbsp) |
[tiktok.com/@ccbbcultura](https://www.tiktok.com/@ccbbcultura)
E-mail: ccbbbsp@bb.com.br



XV CIRCUITO DE TEATRO EM PORTUGUÊS CELEBRA 23 ANOS DE INTERCÂMBIO CULTURAL NO CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

Programação gratuita valoriza a riqueza e a diversidade das artes cênicas nos países de língua oficial portuguesa e dos povos originários da África e do Brasil. Mostra reúne oito espetáculos, um show, seminários e oficinas



Damas da Noite - Portugal - Lisboa - XV Circuito de Teatro em Português

Há 23 anos promovendo o encontro entre artistas, culturas e territórios, o **Circuito de Teatro em Português e Outras Línguas** chega à sua 15ª edição no Centro Cultural São Paulo (CCSP) @ccspoficial, de 18 a 27 de setembro. Neste ano, esse grande intercâmbio amplia seu olhar para outras manifestações artísticas e para as línguas originárias da África e do Brasil.

A programação gratuita reúne espetáculos nacionais e internacionais, apresentações de música, dança e teatro, cerimônias ritualísticas, oficinas, seminários e atividades formativas voltadas ao empreendedorismo e à economia criativa, à literatura, ao teatro de bonecos, à dança, à música e à internacionalização de artistas e obras.

O Circuito de Teatro em Português e Outras Línguas consolida-se como um espaço de reflexão, troca de conhecimentos e construção de redes de colaboração entre artistas, pesquisadores, produtores, gestores culturais, coletivos, iniciativas independentes e comunidades dos países de língua oficial portuguesa.

Mais do que um festival, o Circuito de Teatro em Português e Outras Línguas é um território de encontros, escuta, criação e cooperação. Um espaço que celebra a diversidade cultural, fortalece o patrimônio imaterial, amplia o diálogo entre povos originários e reafirma a cultura como ferramenta de transformação, memória e construção de futuros compartilhados.

Idealizado pela atriz, produtora cultural e diretora artística Creuza Borges, o festival nasceu em 2003

com o propósito de fortalecer o intercâmbio entre os países de língua oficial portuguesa — Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste —, criando pontes entre artistas, técnicos, pesquisadores, profissionais das artes e da cultura e seu público diverso.

Ao longo de sua trajetória, o Circuito realizou 473 espetáculos, 97 oficinas e 40 seminários, circulou por dezenas de cidades brasileiras e reuniu mais de 119 mil espectadores.

Programação

A cerimônia de abertura do XV Circuito de Teatro em Português e Outras Línguas acontece no dia 18, às 20h, com a ação ritualística e simbólica “Vozes da Primeira Nação”, que contará com a participação especial do pajé Yuquete Munduruku e de seus parentes, representantes da Primeira Nação do Brasil.

Por meio de cantos tradicionais, palavras de saudação e expressões culturais do povo Munduruku, a ação simboliza uma bênção e a abertura espiritual do festival. Também estarão presentes representantes dos nove países de língua portuguesa.

Vindo de Portugal, o primeiro espetáculo da mostra é “Damas da Noite – Uma Farsa de Elmano Sancho”, da Cia. Lobo Solitário, apresentado no dia 19, às 20h. O espetáculo conta a história de Cléopâtre, uma criança que nasceu menino, mas que era esperada por sua família como menina. Elmano Sancho



Casa D'Água - Amazonas - XV Circuito de Teatro em Português

mergulha no universo fascinante e provocador do transformismo e das drag queens.

No dia 20, às 15h, será apresentado o espetáculo infantojuvenil “O Segredo do Rio”, da companhia portuguesa Chão de Oliva. O teatro de bonecos narra a bela amizade entre um peixe e um rapaz, inspirado no livro homônimo de Miguel Sousa Tavares.

Ainda no dia 20, às 20h, o Grupo Piscadur di Letras, da Guiné-Bissau, apresenta “O Marinheiro”, adaptação da peça homônima de Fernando Pessoa, único texto teatral escrito pelo poeta português. A montagem incorpora músicas, cantos e tradições culturais guineenses em uma abordagem simbólica da narrativa.

A atriz brasileira Leona Cavalli apresenta o solo “Elogio à Loucura”, com direção de Eduardo Figueiredo, baseado na obra clássica de Erasmo de Rotterdam, no dia 22, às 20h. A adaptação teatral transforma a célebre sátira humanista em uma reflexão atual sobre o mundo contemporâneo. Escrita no século XVI, a obra atravessa o tempo ao expor, com ironia e inteligência, as relações de poder na sociedade, na política e na religião. Ao reconhecer a loucura como parte da condição humana, e não apenas como insanidade, a peça convida o público a refletir sobre empatia, civilidade e os retrocessos éticos e sociais do presente.

No dia 23, às 20h, o cantor cabo-verdiano Leroy Pinto sobe ao palco ao lado de artistas brasileiros e de outros países da Comunidade dos

Países de Língua Portuguesa (CPLP) para promover um diálogo entre tradição e modernidade, a partir das sonoridades da música de Cabo Verde.

No dia 24, às 20h, a brasileira Cia. Dragão 7 apresenta “Inês de Castro, Até o Fim do Mundo”. A história de amor entre Dom Pedro I e Inês de Castro, um dos romances mais emblemáticos da cultura portuguesa, atravessou guerras, séculos e o Oceano Atlântico, tornando-se uma das narrativas mais belas e comoventes da literatura lusófona.

A companhia angolana Teatro de Pitabel apresenta “Ondas da Emoção” no dia 25, às 20h. Na trama, N'dala, uma mulher de personalidade forte, convive com uma intensa onda de emoções e descobre que, quanto mais tenta fugir delas, mais difícil se torna sua experiência. Aos poucos, compreende que nenhuma emoção é permanente. A obra propõe um espaço de escuta, reflexão e conscientização social, utilizando o teatro como instrumento de denúncia e transformação.

Outro destaque nacional é “A Casa D'Água”, da Companhia de Teatro Arte & Fato, do Pará, em sessão no dia 26, às 20h. Ambientado durante a maior cheia da Amazônia, em 1954, o espetáculo mergulha em uma das narrativas mais dolorosas e silenciadas da região. A obra questiona frontalmente a chamada “lenda do boto”, popularizada por Luís da Câmara Cascudo, revelando a violência sexual cometida contra meninas e mulheres, muitas vezes dentro das próprias famílias.

Encerrando a programação artís-



Foto_Camila_Costa_Ines_de_Castro



Oficina de Formação - Angola - XV Circuito de Teatro em Português



Oficina de Formação - Sintra - XIV Circuito de Teatro em Português



O Marinheiro- Guiné-Bissau - XV Circuito de Teatro em Português

tica, no dia 27, às 19h, a Associação Cultural Raízes, de Moçambique, apresenta o espetáculo de dança “Tambores da Ancestralidade”, inspirado nas danças tradicionais moçambicanas Xigubo, Niketche, Marrabenta, Mandique, Xindimba, Murimwa e Utsy. O espetáculo pulsa no ritmo das raízes africanas, em um encontro entre dança, poesia e canto. O som dos tambores desperta memórias coletivas e transforma o palco em um grande ritual de celebração da ancestralidade, da resistência e da esperança.

Formação

A programação do XV Circuito de Teatro em Português e Outras Línguas inclui ainda o Seminário de Intercâmbio e Economia Criativa,

realizado no dia 21, às 20h. O encontro prioriza o reconhecimento e o fortalecimento de organizações artísticas e acadêmicas, criadores, produtores e artistas, incluindo pessoas negras, indígenas, integrantes da comunidade LGBTQIA+ e representantes de outros grupos historicamente marginalizados nos países da CPLP e no Sul Global.

Outro destaque é o Seminário sobre Línguas Maternas dos Povos Originários do Brasil e da África, no dia 27, às 15h. O encontro reúne música, dança, teatro e gastronomia, com artistas e convidados do Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Equatorial, Guiné-Bissau e Portugal, celebrando as raízes culturais com-

partilhadas e suas singularidades.

A programação também oferece uma série de oficinas com artistas convidados. Entre elas estão a oficina-show “Encontro Musical Brasil-Cabo Verde”, com Leroy Pinto (Cabo Verde), de 19 a 22 de setembro, das 14h às 17h; a “Oficina de Teatro de Objetos e Bonecos”, com Nuno Pinto (Portugal), no dia 21, das 14h às 17h; a “Masterclass Teórico-Prática – Circuito Internacional de Teatro”, com Adérito Rodrigues (Angola), no dia 22, das 14h às 17h; a “Oficina de Dança de Raízes”, com Emelva Dine (Moçambique), de 22 a 25 de setembro, das 14h às 17h; a “Oficina Prática de Literatura”, com Quim Gama (Brasil), no dia 23, das 14h às 17h; e a “Oficina de Produ-

ção Cultural e Empreendedorismo”, com Dan Gregor (Brasil), no dia 24, das 14h às 17h.

A programação completa será divulgada em breve no site www.circuitodeteatroportugues.com.br.

Serviço XV Circuito de Teatro em Português e Outras Línguas / de 18 a 27 de setembro de 2026 / Onde: Centro Cultural São Paulo (CCSP) – Rua Vergueiro, 1.000, Liberdade, São Paulo (SP) / Ingressos: gratuitos, com distribuição uma hora antes de cada sessão, na bilheteria do CCSP. / Acessibilidade: todos os espaços do CCSP são acessíveis a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida. / Instagram: [@circuitodeteatroempportugues](https://www.instagram.com/circuitodeteatroempportugues)



Leroy Pinto - Cabo Verde - XV Circuito de Teatro em Português



Tambores da Ancestralidade - Moçambique - XV Circ. de Teatro em Português



Leona Cavali - Elogio da Loucura - XV Circuito de Teatro em Português



Leona Cavali - Elogio da Loucura - XV Circuito de Teatro em Português

“CHICO 2.0” APRESENTA CHICO BUARQUE A UMA NOVA GERAÇÃO



Projeto da CUFA, FRecords, Tha House e Universal Music Brasil reúne artistas de diferentes gerações e gêneros em releituras dirigidas por Celso Athayde, Preto Zezé, Fábio Almeida, Alê Siqueira e Felipe Poeta

Chico Buarque ganha novas leituras de sua obra em “Chico 2.0”, projeto da CUFA, FRecords, Tha House e Universal Music Brasil que reúne artistas de diferentes gêneros e gerações para revisitar clássicos do compositor. Felipe Poeta e Alê Siqueira assinam a produção musical, em uma construção colaborativa que também conta com a articulação cultural de Preto Zezé, Celso Athayde e Fábio Almeida. As faixas partem das composições originais e ganham novas identidades a partir das referências de cada artista, transitando por rap, trap, funk, R&B, samba, soul e nova MPB. A primeira parte chegou às plataformas às 00h do dia 21 de agosto, enquanto a segunda está prevista para outubro.

Dexter, MC Livinho, Xênia França, MC Cabelinho, Budah, Júlia Mestre, TZ da Coronel, Don L, VANDAL, Tasha & Tracie, Grag Queen, Bela Maria e Maurício Pazz estão entre os artistas que participam do projeto. As faixas transitam por rap, trap, funk, R&B, samba, soul e nova MPB, levando as composições de Chico para diferentes sono-

ridades sem perder de vista a força das obras originais.

A proposta de “Chico 2.0” é aproximar uma obra que atravessou gerações das linguagens e dos artistas que movimentam a música brasileira contemporânea. As versões partem das composições de Chico, mas ganham novas identidades a partir das referências de cada intérprete.

Para Felipe Poeta, diretor musical do projeto ao lado de Alê Siqueira, Celso Athayde, Preto Zezé, Fábio Almeida, a releitura passa justamente pela possibilidade de criar uma ponte entre a obra de Chico e a música urbana atual.

“Desde o começo, a ideia foi criar essa ponte entre a obra do Chico e a música urbana de hoje. Mesmo sendo letras escritas em outros contextos, as histórias, os amores e os temas que ele aborda continuam muito atuais. Então, trazer essas músicas para artistas de diferentes gerações e estilos fez muito sentido. A gente quis inovar sonoramente, mas sempre com muito respeito pela obra, principalmente pelas harmonias e melodias do Chico. Acho que o mais legal é justamente conseguir levar

essas histórias, que já são tão conhecidas, para uma geração mais nova que acompanha a música urbana”, afirma Felipe Poeta.

DO RAP AO TRAP, CHICO GANHA NOVOS BEATS

A conexão com a música urbana é um dos pilares de “Chico 2.0”. Artistas como MC Cabelinho, MC Livinho, Dexter, Tasha & Tracie, TZ da Coronel, Don L e VANDAL levam suas próprias referências para canções que atravessaram gerações, aproximando a obra de Chico Buarque de diferentes vertentes do rap, trap e funk.

Em “Cálice”, MC Cabelinho revisita o clássico de Chico e Gilberto Gil, em uma versão que o artista define como diferente de tudo o que já fez. MC Livinho aparece em “Construção” e “Pivete”, enquanto Dexter também participa de “Construção”, levando sua identidade para uma composição que considera atemporal. Já Tasha & Tracie levam sua linguagem para “Deus Lhe Pague”, em uma releitura que aproxima a faixa do universo da dupla.

O encontro entre diferentes regiões do país também ganha espaço. Em “João e Maria”, Júlia Mestre divide os vocais com TZ da Coronel, em uma combinação que aproxima diferentes gerações e universos musicais. Don L e VANDAL, por sua vez, se unem em uma faixa que conta ainda com a participação de Milton Nascimento e do próprio Chico Buarque. Para os artistas, a experiência também representa uma oportunidade de apresentar a obra de Chico a novos públicos.

Don L destaca a possibilidade de aproximar o repertório do compositor de uma geração mais jovem, enquanto VANDAL celebra a parceria com o rapper e a conexão entre diferentes vozes do Nordeste.

“Eu sou um grande fã da obra de Chico, então recebi o convite muito honrado, pra interpretar uma música muito importante na história

do Brasil e importante de ser lembrada no momento atual e pra sempre. Resolvi fazer uma interpretação mais malandragem, mais rap, sempre citando a melodia original, ao lado do VANDAL que é uma voz das ruas de Salvador, um cara que eu tenho grande admiração. É também um convite ao nosso público mais jovem a conhecer a obra do Chico”, afirma Don L.

VANDAL também destaca a parceria: “Estou de coração preenchido e grato por participar de um projeto tão importante, ao lado de nomes tão relevantes da música brasileira. O que mais me toca é poder interpretar uma faixa com Milton Nascimento e o próprio Chico Buarque. Também fico muito feliz em dividir esse momento com Don L, uma voz nordestina que admiro. Essa conexão entre dois artistas do Nordeste era muito esperada e, para mim, representa uma entrega muito especial ao nosso povo.”

DA NOVA MPB AO R&B, OUTRAS VOZES REINVENTAM CHICO

Se o rap aproxima Chico da música urbana, “Chico 2.0” também abre espaço para artistas ligados ao R&B, ao pop e à nova MPB. Xênia França, Budah, Grag Queen, Júlia Mestre e Bela Maria revisitam diferentes momentos da obra do compositor a partir de suas próprias referências, mostrando como essas canções continuam encontrando novos caminhos na música brasileira.

Xênia França, que já havia se aproximado da obra de Chico em uma homenagem ao compositor, celebra a oportunidade de trazer suas canções para o presente. “Para mim, é uma honra participar desse projeto. Chico é um dos grandes mestres da música e da cultura brasileira, e sua obra sempre esteve no meu imaginário. Adorei a proposta de trazer suas crônicas para o presente, mostrando como elas continuam atuais na voz de artistas contemporâneos. Me sinto muito lisonjeada de fazer parte dessa homenagem e de

interpretar canções tão profundas.” Nas referências do R&B, Budah encontra espaço para imprimir sua identidade à releitura e também enxerga no projeto uma oportunidade de aproximar clássicos da música brasileira de uma geração mais jovem.

A diversidade de linguagens ganha outra dimensão em “Geni e o Zepelim”, interpretada por Grag Queen. A artista leva para a canção elementos de seu próprio universo como drag queen e intérprete, explorando a força e a atualidade de uma obra que aborda temas como julgamento, desejo, marginalização e hipocrisia.

“Foi uma experiência muito singular e de muita responsabilidade, mas também uma oportunidade de contar novamente essa história a partir da minha linguagem. Como drag queen e intérprete, pude levar para a música meu universo, meu deboche, meus cacos e minha perspectiva, respeitando a essência de uma obra que atravessa gerações”, afirma Grag Queen. Em “João e Maria”, Júlia Mestre aposta no encontro com TZ da Coronel para criar uma leitura que atravessa gêneros e gerações, aproximando a delicadeza da composição de Chico de uma sonoridade contemporânea.

Fechando esse recorte, Bela Maria revisita “Meu Caro Amigo”, música que faz parte de sua formação, explorando tons e ritmos que já fazem parte de seu universo pessoal. “Foi uma honra das grandes dar uma nova roupagem a um clássico que escuto desde pequena. Me diverti muito explorando tons e ritmos que não costumo lançar, mas que fazem parte da minha vida. E, para mim, homenagear quem abriu portas para nós e valorizar a riqueza da música brasileira é sempre um ato necessário. Chico democratiza isso da maneira mais bonita possível: ele canta nossa história.”

HERANÇA CULTURAL

Além dos encontros musicais, “Chico 2.0” parte da ideia de aproximar a obra do compositor da produção cultural contemporânea. Celso Athayde, fundador da Central Única

das Favelas (CUFA) e um dos idealizadores do projeto, destaca a responsabilidade de trabalhar com um repertório tão conhecido e a importância de dar continuidade à tradição da música popular brasileira a partir de novos olhares: “Dirigir artisticamente o projeto Chico 2.0 é uma responsabilidade imensa com a história da nossa música. Os grandes clássicos do gênero sempre beberam na fonte da cultura popular. O que estamos fazendo aqui é dar continuidade a essa linhagem, garantindo que a nova geração de artistas e ouvintes ocupe esse espaço com propriedade, qualidade técnica e autonomia narrativa.”

Preto Zezé, presidente da CUFA é uma das lideranças à frente do projeto, reforça a proposta de conectar a obra de Chico Buarque à estética e à produção cultural do Brasil atual: “O conceito de Música Popular Brasileira precisa acompanhar a velocidade e a estética do Brasil de hoje. Nossa direção artística partiu do princípio de que a obra de Chico Buarque, por exemplo, não pertence a um grupo seleto: ela é fruto da vivência popular. Este projeto não é um resgate nostálgico, é uma afirmação de futuro, conectando a sofisticação do gênero com a potência, o ritmo e a visão de mundo da favela contemporânea.”

Fábio Almeida destaca o caráter coletivo da construção do álbum e a troca entre diferentes gerações e linguagens musicais: “Desde o início, o Chico 2.0 foi pensado como um encontro entre gerações, linguagens e diferentes formas de fazer música. A escolha de cada artista e de cada canção foi construída coletivamente, buscando respeitar a essência da obra do Chico e, ao mesmo tempo, permitir que esses artistas trouxessem suas próprias identidades para esse repertório. O mais potente desse projeto é justamente essa troca: aproximar uma obra atemporal de uma nova geração, sem perder sua força, mas revelando novas possibilidades de escuta.”

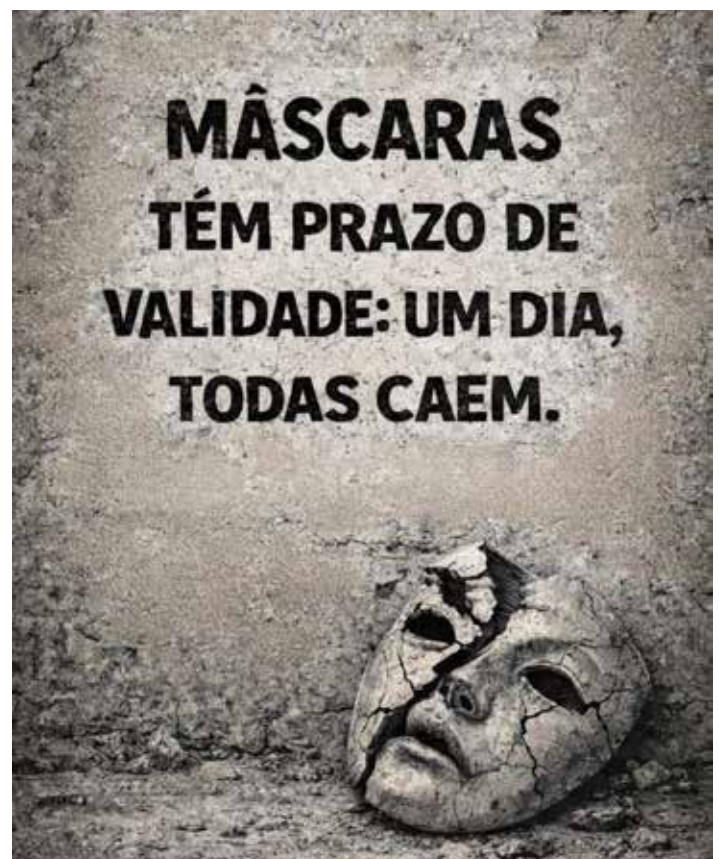
Para Paulo Lima, presidente

da Universal Music Brasil, o projeto representa uma oportunidade de colocar a obra de Chico em diálogo com novas vozes e perspectivas da música brasileira: “Detentor de múltiplos talentos, Chico Buarque é um dos maiores artistas vivos da cultura popular brasileira. Como compositor, sua obra é hoje lembrada, e até estudada em escolas e universidades do Brasil e além. Com sua alta sensibilidade poética, Chico traz em seu vasto repertório músicas sobre crítica política e social, faz um retrato do cotidiano e das classes populares brasileiras, revela o universo feminino sob diferentes perspectivas, além de contar inesquecíveis histórias de amor. Tendo nas mãos essa riquíssima obra, esses talentosos artistas da cena urbana contemporânea trouxeram suas novas vozes, sonoridades e vivências para o álbum “Chico 2.0”, projeto que dialoga com essas impactantes canções do mestre. Cada um desses jovens talentos imprime sua personalidade nas músicas, sem deixar de lado a essência e a grandeza das obras originais. A música de Chico Buarque nunca deixou de ser atual. E esse projeto mostra justamente quantos novos caminhos podem nascer a par-

tir de uma obra tão rica. Para a Universal Music Brasil, é uma grande honra participar desse encontro, aproximar esses dois universos e contribuir para que essas canções continuem chegando a novos públicos e novas gerações”. A primeira parte de “Chico 2.0” chega às plataformas digitais no dia 21 de agosto, às 00h. A segunda etapa do projeto está prevista para outubro.

TRACKLIST: “CHICO 2.0”

1. Construção (Chico Buarque) - Dexter, Maurício Pazz, MC Livinho, Felipe Poeta
2. O Que Será (À Flor da Terra) (Chico Buarque) - VANDAL, Don L, Felipe Poeta
3. Olê, Olá (Chico Buarque) - Xênia França, Felipe Poeta
4. Meu Caro Amigo (Chico Buarque/Francis Hime) - Bela Maria, Felipe Poeta
5. Pivete (Chico Buarque/ Francis Hime) - MC Livinho, Felipe Poeta
6. Roda Viva (Chico Buarque) - BUDAH, Felipe Poeta
7. João e Maria (Chico Buarque, Si-vuca) - Julia Mestre, TZ da Coronel, Felipe Poeta
8. Deus Lhe Pague (Chico Buarque) - Tasha & Tracie, Felipe Poeta
9. Cálice (Chico Buarque, Gilberto Gil) - Xênia França, MC Cabelinho, Felipe Poeta
10. Geni e o Zepelim (Chico Buarque) - Grag Queen, Felipe Poeta



POEMA SUSPENSO PARA UMA CIDADE EM QUEDA, DA CIA. MUNGUNZÁ, GANHA NOVA TEMPORADA NA FUNARTE SP

Espectáculo dirigido por Luiz Fernando Marques, aborda o sentimento de imobilidade vivido pelas pessoas nos dias de hoje



Ainda sem uma posição sobre um novo terreno para o Teatro de Contêiner, a Cia. Mungunzá @ciamungunza volta ao Complexo Cultural Funarte SP @funartesp para mais uma temporada do sucesso *Poema Suspenso para uma Cidade em Queda*, que já foi vista por mais de 9.900 espectadores desde sua estreia em 2015. A nova temporada vai até 18 de setembro, em diferentes horários.

Baseada em histórias e experiências pessoais dos atores, a montagem, com direção de Luiz Fernando Marques (integrante do Grupo XIX), mostra um pouco sobre o sentimento de imobilidade que atinge muitas pessoas nos dias de hoje.

Uma pessoa cai do topo de um prédio e não chega ao chão. Os anos passam e este corpo não consome a queda. A partir daí, a vida das pessoas nos apartamentos desse edifício fica presa numa espécie de buraco negro pessoal, onde cada um vive uma experiência que não finaliza. Cada personagem fica preso em sua metáfora, ignorando o conjunto à sua volta. Tra-

ta-se de uma fábula contemporânea sobre a sensação de suspensão e paralisia geral do mundo moderno.

Imobilidade

No palco, os atores Verônica Gentilin, Virginia Iglesias, Lucas Beda, Marcos Felipe, Sandra Modesto, Pedro das Oliveiras e Léo Akio ficam em um andaime de cerca de cinco metros, simbolizando o prédio. Em cada um dos nichos/apartamentos, uma história diferente se desenrola sem ligação aparente entre si. Verônica Gentilin, que também assina a dramaturgia do espetáculo, explica: “construímos o texto em conjunto, com base em histórias reais do elenco. Em cada um desses apartamentos, algo acontece. Os atores não tem visão do todo e não sabem o que está acontecendo nos outros nichos. Somente o público consegue enxergar toda essa situação de maneira integrada, como se observasse um prédio de longe ou estivesse montando um quebra-cabeça”, conta.

Segundo Verônica, a peça fala sobre um sentimento de imobilidade que assola as

pessoas hoje em dia: “Estamos sempre prestes a mudar, a ter uma revolução, a ver as coisas acontecerem e esse momento nunca chega. Vivemos numa imobilidade, com uma sensação de que algo novo pode surgir a qualquer segundo, mas não damos um passo concreto em busca disso. As histórias que fazem parte de POEMA SUSPENSO PARA UMA CIDADE EM QUEDA tem essa imobilidade como seu mote e retratam um pouco dessa realidade”, fala a atriz e dramaturga.

Construção em conjunto

O diretor Luiz Fernando Marques contou como a peça foi construída: “a Mungunzá é uma companhia atípica, só de atores e atrizes. O convite veio logo após o sucesso deles com Luís Antonio-Gabriela, espetáculo super premiado e minha responsabilidade aumentou com isso. Primeiro, ouvi o que esses artistas queriam contar com esse projeto. Essa é uma das características da minha direção: focar coletivo e trabalhar em conjunto com eles. Na primeira parte do

trabalho, com os workshops para levantar a dramaturgia, atuei como um provocador desse processo que foi super orgânico”, explica.

No passo seguinte, de levar para a cena todas as histórias que os atores trouxeram nesse primeiro momento, Luiz Fernando atuou dando unidade para elas e as organizando no palco. “Temos um prédio sem tijolos e o público pode enxergar tudo o que acontece ali dentro, se sentindo íntimo daquelas pessoas. Esse espetáculo é de uma poesia enorme. Ao mesmo tempo que as histórias provocam estranhamento na plateia, as pessoas se identificam com aquilo que estão vendo em cena. Percebemos que somos somente uma parte de uma engrenagem”, explica. O resultado desse trabalho é um espetáculo teatral com uma narrativa singular.

FICHA TÉCNICA: Uma produção da Cia Mungunzá de Teatro / Argumento: Cia Mungunzá de Teatro / Direção: Luiz Fernando Marques (Lubi) / Elenco: Verônica Gentilin, Virginia Iglesias, Lucas Beda, Marcos Felipe e Sandra Modesto, Pe-



dro das Oliveiras e Léo Akio /
Vídeo: Lucas Beda / Registro do
Processo: Mariana Beda / Apoio
e Equipe Técnica: Paloma Dan-
tas, Giulia Lira, Eduardo Estefano,
Mayara Ribeiro e Isabelle Iglesias /
Produção Executiva: Gustavo San-
na e Cia Mungunzá de Teatro

Sinopse - Uma pessoa cai do topo de um prédio e não chega ao chão. Os anos passam e toda a vida dos moradores desse prédio se congela em seus próprios traumas enquanto aquele corpo permanece em suspenso. Após 33 anos, aquele corpo continua “sem cair” e as histórias de cada morador vão se amarrando de formas inusitadas. Presos numa espécie de “buraco negro pessoal”, os personagens vivem uma experiência que não finaliza, que gira em círculos, que ignora seu entorno.

Trata-se de uma fábula contemporânea sobre a sensação de suspensão e

paralisação geral do mundo contemporâneo. Através do excesso de possibilidades e uma abertura de infinitos caminhos a percorrer em um segundo, o homem pára diante de tudo e começa a traçar um caminho circular dentro de seu reduto que, muitas vezes, ilude uma vida, mas, na verdade, é um eco de si mesmo.

SERVIÇO: **Poema Suspenso para uma Cidade em Queda**, com Cia. Mungunzá / Até 18 de setembro de 2026 / De quarta a sexta-feira, às 19h30 (sessão extra no dia 8/9, às 19h30, e no dia 11/9 não haverá sessão) / **Complexo Cultural Funarte SP** - Alameda Nothmann, 1058 - Campos Elíseos, São Paulo / Ingressos: Gratuito / Ingressos presenciais 1h antes da sessão / Reserva de ingressos online: www.sympla.com.br/teatro-decontainer / Classificação: 16 anos / Duração: 60 minutos.



Com sua ajuda financeira, poderemos financiar parte das nossas atividades e investir ainda mais na revista e na qualidade dos nossos produtos e serviços. Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: lacrezine@gmail.com



*... Não para
não! Quinzena
que vem tem
mais LacrE.
Leia, se gostar,
mande em
frente...*

Com sua ajuda financeira, poderemos
financiar parte das nossas atividades
e investir ainda mais na revista e
na qualidade dos nossos produtos e
serviços.

Qualquer contribuição é bem-vinda.

Use a chave pix: laczine@gmail.com.

CONTATO, CRÍTICAS E SUGESTÕES:

e-mail:

paginaleste@hotmail.com

laczine@hotmail.com